



UNIVERSIDADE DE LISBOA



Museu Nacional de História Natural



guia de campo



viva a nossa energia

22 MAIO 2010

guia de campo DIA B

DIA B 22 MAIO 2010

MECENAS



BANCO ESPÍRITO SANTO



viva a nossa energia

PARCERIA



AGÊNCIA NACIONAL PARA A CULTURA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN



FACULDADE DE CIÊNCIAS UNIVERSIDADE DE LISBOA



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Tagis – Centro de Conservação das Borboletas de Portugal Associação Biodiversidade para Todos

APOIO



SINTRA



Barreira



SEIA



Comissão de Lisboa



REFER

grupo Portucel Soporcel



FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA

MEDIA PARTNERS



Lapliens



VISÃO



RTP2



ANTENA 1

ENQUADRAMENTO



2010



United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation



BCSD Portugal Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável



ICNB Instituto de Conservação da Natureza e da Biodiversidade, I.P.

DIA INTERNACIONAL DA BIODIVERSIDADE



COM O APOIO PATROCÍNIO DE SUA EXCELÊNCIA



guia de campo **DIA** **B**
22 MAIO 2010

PRODUÇÃO EXECUTIVA Marta Fonseca

CONSULTORES CIENTÍFICOS

ÁRVORES, ARBUSTOS, PLANTAS HERBÁCEAS E FETOS Ana Isabel Correia *Museu Nacional de História Natural, Universidade de Lisboa*

MUSGOS E HEPÁTICAS Cecília Sérgio e César Garcia *Museu Nacional de História Natural, Jardim Botânico, Centro de Biologia Ambiental, Universidade de Lisboa*

LÍQUENES Palmira Carvalho *Museu Nacional de História Natural, Jardim Botânico, Centro de Biologia Ambiental, Universidade de Lisboa*

FUNGOS Ireneia Melo *Museu Nacional de História Natural, Jardim Botânico, Centro de Biologia Ambiental, Universidade de Lisboa*

MAMÍFEROS Margarida Santos Reis *Centro de Biologia Ambiental, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa*; Maria da Luz Mathias *Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa*; Sofia Lourenço, *Agência Ciência Viva*

AVES Miguel Lecoq *Museu Nacional de História Natural, Universidade de Lisboa e Instituto Superior de Psicologia Aplicada*

RÉPTEIS Octávio Paulo *Centro de Biologia Ambiental, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa*

ANFÍBIOS Rui Rebelo *Centro de Biologia Ambiental, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa*

INSECTOS Eva Monteiro *Tagis-Centro de Conservação de Borboletas de Portugal*

MOLUSCOS TERRESTRES Rolanda Albuquerque Matos

FAUNA E FLORA DO LITORAL Alexandra Cartaxana *Museu Nacional de História Natural, Universidade de Lisboa*; Cláudia Faria *Instituto de Educação da Universidade de Lisboa*; Maria Judite Alves *Museu Nacional de História Natural, Universidade de Lisboa*

DESIGN GRÁFICO TVM designers

IMPRESSÃO Textype

TIRAGEM 20 000 exemplares

ISBN 978-989-96748-0-6

DEPÓSITO LEGAL 310 404/10

Esta publicação foi impressa em papel Soporset Premium Offset de 110 g/m², com certificado FSC, cedido pelo grupo Portucel Soporcel.

Todos os papéis do Grupo integram no seu processo produtivo apenas fibra certificada ou de origem controlada.

grupo Portucel Soporcel

guia de campo **DIA** **B**
22 MAIO 2010

COORDENADORES

Bruno Pinto *

Cristina Luís *

Filipa Vala **

Patrícia Garcia Pereira *

* Museu Nacional de História Natural,
Museus da Politécnica
Universidade de Lisboa

** Centro de Biologia Ambiental
Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

bio

eventos
2010

Prefácio

UM OLHAR SOBRE A BIODIVERSIDADE

Saia para a rua, olhe, registre e partilhe

O reconhecimento público de que o bem-estar humano depende da forma como gerimos os ecossistemas que nos rodeiam representa o principal desafio do programa Bioeventos 2010 (<http://bioeventos2010.ul.pt>). O bom funcionamento dos ecossistemas e os serviços que estes nos prestam dependem da gestão da biodiversidade que os compõem. Mas a biodiversidade está a perder-se de forma acelerada e irreversível.

Decorrente de uma parceria entre o Centro de Biologia Ambiental e o Museu Nacional de História Natural, os Bioeventos 2010 assumem o papel estratégico da Universidade de Lisboa na investigação e divulgação da Biodiversidade em Portugal e inserem-se nas comemorações do Ano Internacional da Biodiversidade.

Se, por um lado, são as acções humanas que estão a diminuir a capacidade de resposta de muitos ecossistemas à crescente procura dos seus serviços, o reverter desta situação apenas será possível através de uma estratégia abrangente e de um esforço social colectivo por parte de investigadores, professores e técnicos (promotores do conhecimento), decisores (responsáveis pela implementação de políticas e mecanismos apropriados), media (veículos privilegiados para a chamada de atenção e divulgação) e da sociedade civil (principais beneficiários e um dos instrumentos possíveis de monitorização do estado da biodiversidade).

A participação da sociedade civil em questões de foro ambiental em Portugal ainda se encontra longe da consolidação desejável. Ao contrário do que sucede em muitos outros países desenvolvidos, o envolvimento público em matéria de monitorização não é prática corrente no nosso país e a sua importância, por exemplo, na avaliação de tendências populacionais de espécies tem sido negligenciada.

Inverter esta situação é o desafio que colocamos nas vossas mãos: procuramos aqui fornecer informação e um instrumento de trabalho que possibilite a participação de todos na monitorização da abundância e da diversidade de espécies em território nacional.

A biodiversidade todos os dias atravessa as portas de nossa casa, por exemplo, através dos alimentos que consumimos ou dos organismos que inesperadamente entram devido aos nossos hábitos e práticas. Além disso, basta olhar através de uma janela para nos sentirmos atraídos por uma flor colorida, um insecto estranho que nela pousa ou uma ave que, em voo picado, tenta apanhar esse insecto. E quanto mais olhamos para a Natureza, maior é a vontade de conhecer esse mundo que nos rodeia e compreender as razões que por vezes levam ao desaparecimento da biodiversidade que constitui o nosso quotidiano.

E porque não dar mais um passo? Para tal basta criar o hábito de olhar em volta, registar o que se observa e comunicar essa observação. Observações continuadas no espaço e no tempo são a informação base das actividades de monitorização e são o instrumento necessário para prever alterações no estado da biodiversidade e os seus efeitos. Esta monitorização é particularmente relevante quando se trata de espécies vulneráveis e reconhecidamente ameaçadas. Assim, o que lhe propomos é que saia para a rua (seja o seu jardim, um parque na cidade, uma zona florestal, um campo agrícola, uma praia, ou uma área protegida), olhe à sua volta, procure um animal ou uma planta, fotografe e tente identificar a espécie através das descrições e fotografias que fornecemos neste guia de campo.

A diversidade de espécies existente no nosso país é de tal forma elevada que não é possível incluir todas neste primeiro guia. No entanto, e enquanto não são disponibilizados guias temáticos mais completos,

seleccionámos um conjunto vasto de espécies comuns, e como tal de fácil observação, para tornar o desafio mais apelativo e criar uma dinâmica de participação que, esperamos, seja consolidada na nossa sociedade.

Para atingir em pleno os objectivos aqui propostos, é ainda preciso que os registos das observações sejam comunicados e armazenados. Assim, foi criada uma base de dados online sobre a biodiversidade nacional (<http://www.biodiversity4all.com>) onde pode submeter os registos das suas observações. Uma vez validados por especialistas, estes registos poderão ser visualizados não apenas por si mas por todos os que acedam ao site.

Não espere mais! Saia para a rua, sozinho, com amigos ou em família, e ajude-nos a conhecer melhor a nossa biodiversidade.

A sua participação fará a diferença.

MARGARIDA SANTOS-REIS

Pela Comissão Organizadora dos Bioeventos

ÍNDICE

Biodiversidade e a sua importância	10
Biodiversidade em Portugal	14
Biocidadãos	16
Como utilizar este Guia	18
Fungos	24
Líquenes	28
Musgos e Hepáticas	32
Fetos	36
Plantas herbáceas	40
Árvores e arbustos	48
Aranhas e outros Invertebrados	64
Insectos	70
Anfíbios	88
Répteis	92
Aves	96
Mamíferos	110
A observar na praia	116
Bibliografia consultada	124
Agradecimentos	126
Créditos de Imagens	128
Índice Remissivo de espécies (nome científico e nome comum)	132

BIODIVERSIDADE E A SUA IMPORTÂNCIA

- **Biodiversidade** ou diversidade biológica é a variabilidade de organismos vivos existentes na Terra. Por biodiversidade entende-se não só a diversidade entre espécies como também a diversidade genética dentro de cada espécie e a diversidade de ecossistemas.

A **diversidade genética** é a diversidade de genes que existe no conjunto de indivíduos que compõem uma espécie. Por exemplo, na espécie cão doméstico (*Canis lupus familiaris*), a variabilidade genética da espécie é a variabilidade nos genes de todos os cães de todas as raças existentes no planeta. Geralmente, quanto maior o número de indivíduos de uma espécie, maior a variabilidade genética dessa espécie: quando o número de indivíduos dessa espécie é reduzido, considera-se a espécie em risco de extinção.

No mundo natural, as espécies relacionam-se entre si de diferentes formas: há espécies que comem outras espécies, há espécies parasitas de outras espécies, há espécies que se alimentam de matéria morta, há espécies que fazem a polinização de plantas e por aí fora. Ao conjunto de espécies que interagem, directa ou indirectamente, numa dada região, conjuntamente com os factores físico-químicos do meio envolvente (luz, temperatura, salinidade) chama-se um **ecossistema**. Os ecossistemas não são todos iguais: há ecossistemas, como a floresta Amazónica, com um elevadíssimo número de espécies e há ecossistemas, como os vulcões submarinos, com um número muito mais reduzido de espécies.

A diversidade biológica é uma característica fundamental do planeta Terra. No entanto, encontramos-nos ainda longe de ter um nível de conhecimento satisfatório sobre ela.

Por exemplo, não sabemos o número exacto de espécies que existem. As espécies conhecidas até à data rondam os 2 milhões. Apesar de todos os anos serem descobertas novas espécies, existem diversos ecossistemas, como o fundo dos oceanos ou as florestas tropicais, que permanecem pouco estudados.

As estimativas apresentadas pelos especialistas, relativamente à Biodiversidade existente na Terra, são ainda muito aproximadas, estando o seu valor compreendido num amplo intervalo que provavelmente variará entre 4 milhões a mais de 100 milhões de espécies.

Para além do seu valor natural, a biodiversidade proporciona bens e serviços vitais, chamados **serviços de ecossistema**. A biodiversidade fornece serviços e bens subjacentes à prosperidade económica, ao bem-estar social e à qualidade de vida, de que são exemplo, a produção de alimentos, a produção de fibras e de outros recursos renováveis e os produtos naturais importantes na produção de medicamentos.

A **biodiversidade e os serviços de ecossistema** constituem, assim, um contributo crucial para o bem-estar da humanidade: **garantem a subsistência da nossa espécie e são essenciais para reduzir a pobreza** e atingir os objectivos de desenvolvimento do milénio.

Juntamente com as alterações climáticas, a perda de biodiversidade é, actualmente, a ameaça global mais crítica para a nossa sobrevivência e representa perdas significativas a nível económico e de bem-estar. As alterações climáticas e a perda de biodiversidade são duas vertentes interligadas que se potenciam mutuamente: as alterações climáticas comprometem a sobrevivência de muitas espécies, pois constituem alterações radicais e rápidas do meio a que estas espécies se adaptaram; por outro lado, a perda de biodiversidade acelera as alterações climáticas. As implicações ambientais da perda de biodiversidade são vastas podendo ir desde alterações de pequena escala até ao colapso de ecossistemas inteiros.

A crise que afecta a Biodiversidade constitui um fenómeno global. Este declínio deve-se, essencialmente, ao crescimento da população humana conjuntamente com padrões de consumo não sustentáveis, às modernas formas de utilização intensiva do solo (agricultura, gestão de florestas), à

fragmentação da paisagem para implantação de urbanizações e de outras infraestruturas, à introdução de espécies exóticas invasoras, à exposição ao turismo de massas e aos efeitos da poluição em componentes ambientais como a água e o ar.

Os cientistas estimam que, mantendo-se estas alterações à taxa actual, metade das espécies de plantas e animais da Terra poderão estar extintas, ou pelo menos condenadas à extinção no final do século.

Os custos desta destruição irreversível da diversidade biológica são imprevisíveis. No entanto, sabemos que inúmeros medicamentos, culturas, madeiras, fibras, vegetação com capacidade de restaurar o solo, potenciais substitutos do petróleo e outros produtos e bens ficarão por descobrir e perder-se-ão para sempre.

O tema da biodiversidade relaciona-se com assuntos que ultrapassam a índole biológica. Assim, para compreender as ameaças à biodiversidade e procurar soluções para as combater é necessário mobilizar três eixos fundamentais: Ciência, Tecnologia e Cultura. Para que esta mobilização ocorra de forma eficaz, é igualmente necessário o envolvimento de especialistas de outras áreas: as ciências sociais e a economia. A questão da biodiversidade é, portanto, transversal a várias áreas do conhecimento e aos diferentes sectores da sociedade.

BIODIVERSIDADE EM PORTUGAL

- No enquadramento europeu, Portugal é considerado um país rico e diversificado em termos de fauna e de flora fazendo parte de uma das 34 áreas de grande riqueza biológica em todo o mundo identificadas como *hotspots* de Biodiversidade. Assim, aproximadamente 75% do território nacional faz parte do *hotspot* de Biodiversidade do Mediterrâneo.

Possuímos um elevado número de espécies que evoluíram em Portugal (as espécies endémicas), bem como várias espécies que são consideradas “reliquias” do ponto de vista genético por serem muito antigas na história da Terra. Os factores decisivos para esta biodiversidade são geográficos, climáticos, geológicos e biogeográficos, mas também a actividade humana que, durante séculos, permitiu um gestão harmoniosa das condições ecológicas, permissiva à conservação destas espécies.

Contudo, tal como noutras regiões do planeta, uma grande parte da biodiversidade portuguesa encontra-se ameaçada. Há cerca de 19 espécies de animais consideradas extintas em Portugal e 17 são aves. No entanto, existe pouca informação relativamente ao estatuto de ameaça da maior parte da flora e fauna de Portugal.

A Lista Vermelha das Espécies Ameaçadas publicada pela *International Union for Conservation of Nature* (IUCN) considerou, em 2008, a existência de 159 espécies ameaçadas em Portugal, incluindo 16 espécies de plantas e 143 espécies de animais.

Os peixes de água-doce e peixes migradores são os dois grupos que apresentam as percentagens mais elevadas de espécies em risco (69%). Seguem-se as aves (38%), os répteis (32%), os mamíferos (26%) e os anfíbios (19%). Em relação a outros grupos, a informação sobre a distribuição das espécies e as estimativas dos censos populacionais é tão escassa que torna impossível determinar, com segurança, o seu estatuto de conservação.

BIOCIDADÃOS

- A História Natural é uma das poucas áreas científicas onde todas as pessoas interessadas podem ter uma participação activa. Hoje, mais do que nunca, a informação gerada pela população é necessária, constituindo um contributo importante para a ciência.

Face à enorme diversidade de organismos vivos existente, o número de cientistas profissionais necessários para os estudarem é insuficiente. Por isso, os dados de observação de espécies recolhidos por cidadãos têm uma enorme utilidade para investigadores de diversas especialidades, tais como a Ecologia, a Biogeografia ou a Evolução.

Só poderemos preservar os ecossistemas e as espécies se compreendermos a importância do legado único de cada espécie e formos capazes de eficazmente fazer chegar esta informação aos decisores que têm o poder e a responsabilidade de os conservar.

Compreender a forma como a biodiversidade varia no tempo e no espaço é essencial para o desenvolvimento de estratégias de conservação eficazes. Por outro lado, este conhecimento científico potenciará avanços na medicina, na agricultura e na gestão dos recursos biológicos, entre outros.

Por estar ao alcance de todos e constituir uma responsabilidade de cada um perante a sociedade, a participação de toda a população no estudo da Biodiversidade pode considerar-se uma questão de cidadania. Deste modo, podemos definir um novo conceito, o de **Biocidadania**. Biocidadãos são todos aqueles que, pelas suas acções e comportamentos, contribuem para construir um Mundo mais sustentável. Biocidadãos são por isso, também, as pessoas que geram informação sobre Biodiversidade que pode ser utilizada para fins científicos.

O dia 22 de Maio é o Dia Internacional da Biodiversidade, o Dia B. O desafio que propomos com o *Guia de Campo do Dia B* é transformar este dia comemorativo numa manifestação de Biocidadania.

COMO UTILIZAR ESTE GUIA

O GUIA DE CAMPO DO DIA B

O *Guia de Campo do Dia B* contém informação que permite a identificação de 218 espécies pertencentes aos seguintes grupos: fungos, líquenes, musgos e hepáticas, fetos, plantas herbáceas, árvores e arbustos, aranhas e outros invertebrados, insectos, anfíbios, répteis, aves e mamíferos.

Como complemento, e porque Portugal é caracterizado por uma extensa faixa litoral com uma fauna e flora características, apresentamos também um pequeno capítulo sobre algumas espécies que podem ser observadas facilmente na praia.

Regra geral, para cada uma das espécies do Guia há uma fotografia que permite a sua identificação.

Em alguns casos, como o dos mamíferos que são mais difíceis de avistar, poderá identificar a presença de uma determinada espécie através de indícios deixados no local, tais como dejectos, indícios estes dos quais também existem exemplos e fotografias neste *Guia de Campo*.

Outros casos excepcionais são a existência de variações de coloração e de tamanho, não só entre os juvenis e os adultos de várias espécies, como entre machos e fêmeas da mesma espécie. Tanto quanto possível ilustram-se essas variações com fotografias.

Os padrões de comportamento de algumas espécies podem também ajudar na sua identificação. Note-se, por exemplo, que os morcegos só são visíveis a partir do entardecer e que a maioria das aves deixam de se avistar ao final do dia.

A maioria das espécies seleccionadas em cada grupo são comuns, fáceis de observar e têm ampla distribuição em Portugal Continental. Muitas delas estão igualmente presentes nos arquipélagos dos Açores e Madeira.

Outras espécies apresentadas, como por exemplo o Eucalipto, são **espécies exóticas**, ou seja, são originárias de outros locais do mundo que não Portugal ou a Península Ibérica: estas espécies crescem no nosso país

Símbolos usados no Guia



Espécie venenosa



Espécie endêmica de Portugal



Espécie endêmica da Península Ibérica



Espécie exótica

porque foram introduzidas. Incluímos algumas destas espécies porque, por um lado, são extremamente abundantes em praticamente todo o território e porque, por outro lado, as estimativas da sua abundância e distribuição geográfica são importantes para compreender a composição dos nossos ecossistemas.

Também incluímos espécies com especial importância para a Biologia da Conservação. Embora mais difíceis de observar e com uma distribuição geográfica mais localizada, considerámos pertinente chamar a atenção para certas **espécies**

endémicas (espécies que evoluíram em Portugal ou na Península Ibérica) e para algumas das nossas **reliquias genéticas** (espécies muito antigas), como algumas árvores e arbustos, anfíbios e répteis.

Nesta primeira edição do *Guia de Campo do Dia B* pretende-se, essencialmente, ter um guia de fácil utilização com o principal intuito de despertar o interesse do público para o tema da Biodiversidade.

ALGUNS TERMOS CIENTÍFICOS IMPORTANTES

Para além dos termos técnicos já referidos, convém esclarecer outros termos utilizados neste guia.

Os **Vertebrados** são animais que têm coluna vertebral: esta designação inclui os mamíferos, as aves, os peixes, os répteis e os anfíbios.

Os **Invertebrados** são todos os animais que não têm coluna vertebral, como por exemplo, as minhocas, os crustáceos, os insectos e as aranhas.

As **Plantas herbáceas** são aquelas plantas de menor porte cujos caules se quebram facilmente à mão.

Os **Líquenes** são organismos muito especiais e colocam o maior desafio de identificação deste *Guia de Campo*: um líquene é, na verdade, uma associação entre duas espécies, uma das quais é um fungo. A espécie parceira do fungo é uma alga ou, noutros casos, uma cianobactéria de dimensões microscópicas. A alga ou a cianobactéria têm, tal como as plantas, a propriedade de utilizar a luz do sol para produzir energia. Os fungos têm a propriedade de resistir a condições ambientais adversas. Juntas, as duas espécies que compõem um líquene complementam-se nas suas capacidades. Para além desta particularidade biológica, os líquenes têm uma propriedade muito útil: a sua abundância pode ser utilizada para determinar, por exemplo, o nível de poluição atmosférica de uma dada região. Os líquenes são facilmente confundidos com musgos e a sua correcta identificação é feita utilizando o fungo (cor e estrutura do talo, forma de crescimento), como explicado no *Guia de Campo*.

O **Habitat** é o ambiente em que uma espécie reside: caracteriza-se por factores bióticos (abundância de outras espécies no mesmo meio) e por factores abióticos (condições de temperatura, de salinidade, de humidade, etc.).

No que respeita à distribuição mundial, muitas das espécies que existem em Portugal encontram-se também na **Macaronésia**. Macaronésia designa uma região biogeográfica que inclui os arquipélagos dos Açores, Madeira, Cabo Verde e Canárias. A Macaronésia caracteriza-se por uma fauna e flora próprias, bem como por uma origem geológica idêntica.

O **Nome científico** e o **nome comum** de uma espécie: a designação “gato doméstico” é o nome comum da espécie *Felis catus*. Todas as espécies conhecidas têm uma designação latinizada, constituída por dois nomes, e que se escrevem em itálico. O primeiro nome de uma espécie (*Felis*, no exemplo) indica o género a que a espécie pertence; o segundo nome (*catus*) é o distintivo específico dessa espécie. Por exemplo, *Felis bieti* é uma espécie de gato selvagem que ocorre na China ocidental, que pertence ao mesmo género do gato doméstico (*Felis*), mas a uma espécie diferente (*Felis bieti*). Algumas espécies de animais e plantas descritas neste guia não têm nomes comuns pelo que apenas se podem designar pelo seu nome científico. Para além disto, o nome comum de algumas espécies varia de região

para região do país: tenta-se aqui apresentar o nome mais utilizado em todo o país.

A **taxonomia biológica**: a ordenação dos seres vivos faz-se por grupos. Esses grupos são, por ordem decrescente de semelhança e de parentesco evolutivo, o Reino, o Filo, a Classe, a Ordem, a Família, o Género e, por fim, a Espécie. Duas espécies de Reinos diferentes são muito distantes evolutivamente. Comparativamente, duas espécies do mesmo Género são muito semelhantes entre si e muito próximas evolutivamente.

.....

DIA 22 DE MAIO SAI PARA A RUA E FAZ O DIA B

Para participar no Dia B terá, em primeiro lugar, que se registar no website da Associação Biodiversidade Para Todos (www.biodiversity4all.com).

Posteriormente deverá escolher o local onde irá fazer as suas observações: em zonas classificadas, como a rede Natura 2000, parques e reservas naturais, áreas florestais, áreas agrícolas e linhas de água com vegetação; mas a biodiversidade também existe em espaços urbanos, em jardins e praias (de preferência com plataformas rochosas), na sua varanda, nos muros e paredes das casas, na rua.

Quando encontrar um organismo que deseje identificar deverá procurá-lo neste guia, primeiro através do grupo a que pertence (árvore, réptil, insecto, etc.) e depois, dentro dessa secção, recorrendo à fotografia. Para completar a identificação, deverá comparar a informação sobre o tamanho, distribuição nacional e características particulares do organismo que descrevemos aqui, com as características do organismo que está a observar e o local onde o está a observar. Desta forma conseguirá obter a identificação correcta – lembre-se, no entanto, que nem todas as espécies que vai encontrar estão neste *Guia de Campo*!

Deverá também tomar nota da hora a que efectuou as observações e das condições atmosféricas (temperatura e nebulosidade). Se for possível,

registre também o número de exemplares observados da mesma espécie (ou um número aproximado). Deverá igualmente anotar se tem a certeza de ter feito uma correcta identificação da espécie observada. Sempre que possível tire uma fotografia dos exemplares encontrados e, se quiser, poderá ainda gravar sons que estas espécies emitem.

A utilização de binóculos poderá ser útil para identificar algumas espécies de aves e uma lupa poderá ser necessária para identificar algumas espécies mais pequenas de insectos ou plantas. De uma forma geral, no entanto, a observação à vista desarmada será suficiente.

Após um dia de prospecção deverá aceder à sua área pessoal em www.biodiversity4all.com, e inserir os registos das suas observações, bem como as fotografias. As observações assim registadas serão validadas por especialistas e disponibilizadas numa base de dados de acesso gratuito. Posteriormente poderá consultar a sua lista de observações pessoais, descarregar para o seu computador todas as suas observações, consultar todos os registos existentes para uma determinada área e consultar todos os registos de uma determinada espécie. Desta forma será possível monitorizar, ao longo do tempo, a distribuição das espécies descritas neste guia, bem como estimar a sua abundância.

Esta é uma iniciativa que, simbolicamente, se inicia no dia 22 de Maio de 2010, o Dia B, mas que terá continuidade ao longo dos próximos anos, em todo o território nacional.

Terminamos com um apelo e um compromisso: dedique-se a observar e registar esta pequena parcela do património natural português. Pela nossa parte comprometemo-nos a realizar, no futuro, uma edição deste guia mais alargada e representativa da biodiversidade nacional.

FUNGOS

Os fungos não são plantas nem animais, constituem um reino à parte. Todos conhecemos os cogumelos, os bolores e as leveduras (utilizadas para fazer pão ou iogurte), assim como os fungos patogénicos, entre outros. São geralmente constituídos por filamentos multicelulares (hifas), e a membrana celular nos fungos é formada por quitina enquanto nas plantas contém celulose. Tal como os animais são organismos incapazes de sintetizar os seus alimentos porque não possuem clorofila nas suas células, ao contrário das plantas verdes que possuem este grupo de pigmentos. Os fungos desempenham um papel fundamental na manutenção dos ecossistemas terrestres, intervindo na decomposição de matéria orgânica. Desenvolvem-se nos mais diversos tipos de habitats, mas é nas florestas que os podemos encontrar com maior frequência e diversidade. Os fungos abrangem uma enorme diversidade de espécies, com ecologias, ciclos de vida e formas variadas, que vão dos fungos primitivos constituídos por uma única célula aos grandes cogumelos.

Estimam-se em cerca de 1,5 milhões as espécies de fungos. Se esta estimativa for correcta, conhecemos actualmente apenas 5% das espécies.

Os fungos reproduzem-se através da fragmentação das suas hifas ou por esporos: células envolvidas por uma parede celular que as protege até que as condições ambientais permitam o seu desenvolvimento.

Os cogumelos são o grupo mais carismático dos fungos. Aquilo a que vulgarmente chamamos “cogumelo”, é um “corpo frutífero”, ou seja, é a estrutura na qual se desenvolvem os esporos. O corpo frutífero é constituído por um pé (estipe) que suporta o chapéu (píleo). Na superfície inferior do chapéu dispõem-se radialmente lamelas que sustentam as células que dão origem aos esporos.

Os cogumelos sempre foram utilizados na gastronomia, mas todo o cuidado é pouco na sua recolha e identificação uma vez que há o perigo de confundirmos espécies comestíveis com outras venenosas e até mortais. Assim, em caso de dúvida, o melhor mesmo é ‘deliciar’ só a vista e não os consumir...

Abesós · Laranjinha

Amanita caesarea

Filo Basidiomycota · Família Amanitaceae

TAMANHO: Chapéu, 8-20 cm de diâmetro;

Pé, 8-15 cm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Sul e Centro da Europa,

Norte de África, Ásia, América Central

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Fim do Verão e Outono

HABITAT: Bosques, clareiras de florestas

OBSERVAÇÕES: Comestível



Rosalgar · Mata-bois · · Frades-de-sapo

Amanita muscaria

Filo Basidiomycota · Família Amanitaceae

TAMANHO: Chapéu, 6-25 cm de diâmetro;

Pé, 8-25 cm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Espécie cosmopolita (Europa,

Ásia, América do Norte, Região Mediterrânica,

Macaronésia). Introduzida na Austrália, Nova Zelândia,

América do Sul e África do Sul

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Fim do Verão e Outono

HABITAT: Bosques

OBSERVAÇÕES: Venenosa, mas não mortal



Cicuta-verde

Amanita phalloides

Filo Basidiomycota · Família Amanitaceae

TAMANHO: Chapéu, 5-20 cm de diâmetro; Pé, 8-20 cm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Macaronésia,

Norte de África

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Primavera e Outono

HABITAT: Bosques

OBSERVAÇÕES: Mortal





Estrela-da-terra

Astraeus hygrometricus

Filo Basidiomycota · Família Diplocystidiaceae

TAMANHO: Corpo frutífero (carpóforo), 2-5 cm se fechado, 5-10 cm se aberto

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Espécie cosmopolita, conhecida das regiões temperadas e tropicais do mundo

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Outono e Inverno

HABITAT: Clareiras de bosques

OBSERVAÇÕES: Sem interesse culinário devido à sua textura semelhante a couro (coriácea)



Canário · Rapazinhos

Cantharellus cibarius

Filo Basidiomycota · Família Cantharellaceae

TAMANHO: Chapéu, 3-8 cm de diâmetro; Pé, 3-7 cm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Macaronésia e América do Norte, México, Ásia e África

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Primavera, Verão e Outono

HABITAT: Bosques

OBSERVAÇÕES: Comestível, de fácil identificação e conservação



Tortulho · Míscaro

Boletus edulis

Filo Basidiomycota · Família Boletaceae

TAMANHO: Chapéu, 5-25 cm de diâmetro; Pé, 4-18 cm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Regiões temperadas e subtropicais de todo o mundo

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Fim do Verão e Outono

HABITAT: Bosques

OBSERVAÇÕES: Comestível

Púcara · Frade

Macrolepiota procera

Filo Basidiomycota · Família Agaricaceae

TAMANHO: Chapéu, 10-25 cm de diâmetro;

Pé, 15-30 cm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Macaronésia,

América do Norte, Austrália, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Fim do Verão e Outono

HABITAT: Bosques

OBSERVAÇÕES: Comestível quando jovem



Clatro-vermelho

Clathrus ruber

Filo Basidiomycota · Família Phallaceae

TAMANHO: Corpo frutífero (carpóforo) 5-10 cm diâmetro

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental e Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Macaronésia, Norte

de África e Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Primavera, Verão e Outono

HABITAT: Beiras de caminhos, jardins, clareiras de

bosques

OBSERVAÇÕES: Comestível em estado de 'ovo', quando muito jovem e nunca cru



LÍQUENES

Os líquenes são organismos muito particulares resultantes de uma associação simbiótica estável entre um fungo (micobionte) e uma alga verde e/ou uma cianobactéria (fotobionte), que são capazes de utilizar a luz do sol para produzir nutrientes. O fungo beneficia desta associação recebendo nutrientes, geralmente hidratos de carbono. Por outro lado, o fotobionte encontra-se envolvido pelo fungo que funciona como a sua estrutura de suporte, lhe fornece água e o protege dos excessos de radiação e dessecação. Esta simbiose permite que o líquene sobreviva em habitats onde nenhum dos seus constituintes conseguiria sobreviver sozinho.

Os líquenes são organismos muito resistentes e de grande longevidade. Os líquenes podem ser encontrados dos pólos aos trópicos, em zonas abaixo

do nível do mar e no cume das montanhas. Desenvolvem-se em todo o tipo de substratos, como solo, rochas, árvores e mesmo sobre o corpo de insectos. São elementos pioneiros capazes de colonizar ambientes extremos, em termos de humidade, temperatura e luz. Muitas vezes ocorrem em locais onde poucos seres vivos conseguem sobreviver.

Os líquenes, tal como os musgos, são organismos extremamente sensíveis aos poluentes ambientais e têm sido utilizados como bioindicadores da poluição atmosférica e aquática. Por exemplo, são utilizados para monitorizar a qualidade do ar, a contaminação por metais pesados, o estado de conservação das florestas ou os níveis da camada de ozono.

Degelia

Degelia plumbea

TAMANHO: Talo, 5-10 cm de diâmetro

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Em locais com elevada humidade atmosférica

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, América do Norte, Norte de África e Macaronésia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Cresce predominantemente sobre troncos de árvores velhas em bosques antigos

OBSERVAÇÕES: Espécie sensível à poluição atmosférica e à alteração do habitat. Cor do talo cinzento-chumbo



Evernia · Orzella-do-reino

Evernia prunastri

TAMANHO: Talo, 2-10 cm de comprimento

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, América do Norte, Norte de África e Japão

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Sobre o tronco das árvores ou sobre musgos

OBSERVAÇÕES: Coloração bem distinta entre as duas faces do talo: a face superior é verde e a face inferior é mais esbranquiçada





Parmelia-verde

Flavoparmelia caperata

TAMANHO: Talo, 10-20 cm de comprimento

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Ampla distribuição

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Geralmente sobre o tronco das árvores ou sobre musgos

OBSERVAÇÕES: Cor amarelo-esverdeada



Pulmonária · Pulmão dos carvalhos

Lobaria pulmonaria

TAMANHO: Talo, 10-20 cm de diâmetro

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Regiões com precipitações abundantes, em geral com elevada influência oceânica

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, América do Norte, África e Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Sobre o tronco das árvores ou sobre musgos em bosques poucos intervencionados

OBSERVAÇÕES: Espécie muito sensível à poluição atmosférica e a alterações no habitat. Nos países mais industrializados da Europa encontra-se em regressão, sendo considerada uma espécie em extinção em alguns deles

Sol-das-árvores

Teloschistes chrysophthalmus

TAMANHO: Talo em pequeno tufos com cerca de 1,5 cm de altura

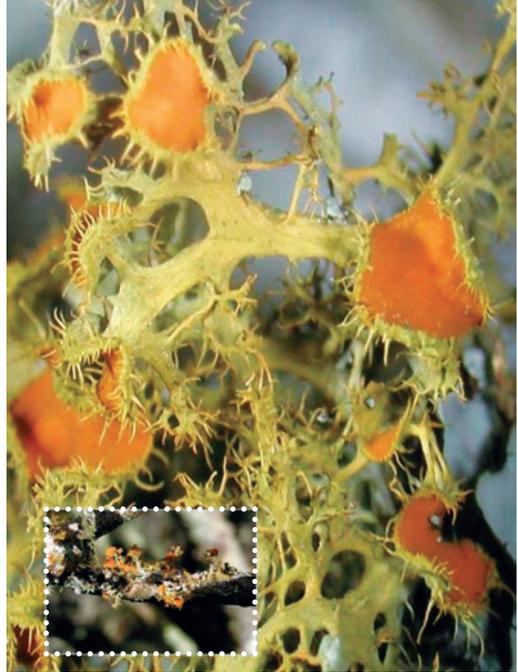
DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, mais abundante no Centro e Sul

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Regiões temperadas

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Sobre ramos de arbustos ou em árvores isoladas e expostos à luz solar

OBSERVAÇÕES: Espécie em regressão, sendo já considerada bastante rara em alguns países do Centro da Europa



Líquene-dos-telhados

Xanthoria parietina

TAMANHO: Talo, 5-15 cm de diâmetro

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Ampla distribuição

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Cresce sobre vários tipos de substratos, desde troncos de árvores, rochas, muros e telhados

OBSERVAÇÕES: Espécie muito tolerante à poluição atmosférica



MUSGOS E HEPÁTICAS

Os musgos e hepáticas, que fazem parte dos briófitos, são plantas geralmente verdes com pequenas dimensões. A sua morfologia apresenta fases de organização consideradas intermédias entre organismos do meio aquático, como as algas, e os organismos que colonizaram o meio terrestre, como os fetos ou as plantas produtoras de sementes. Os briófitos não produzem flores nem sementes, não desenvolvem raízes e a maioria não dispõe de estruturas internas para o transporte de água e nutrientes. Os briófitos vivem sobre vários tipos de substratos, tais como solo, rochas, troncos, água, grutas, telhados ou muros. Podem ser encontrados em diversos ecossistemas, desde desertos

a florestas, e nas várias regiões do planeta. Seguidamente são apresentados alguns musgos comuns e fáceis de encontrar, das cerca de 640 espécies conhecidas em Portugal. Os briófitos, como organismos pioneiros, têm um papel muito importante no ecossistema pois contribuem para a formação, estabilização e recuperação do solo. Têm elevada capacidade de retenção de água, absorvendo-a rapidamente e libertando-a lentamente para o ambiente, moderando a acção das chuvas no solo. São considerados bons indicadores da qualidade ambiental sendo usados na avaliação da qualidade do ar, água e das alterações climáticas.

Musgo-sedoso-penado

Homalothecium sericeum

Filo Bryophyta · Família Brachytectiaceae

TAMANHO: Talos 2-6 cm de comprimento

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, sobretudo Norte e Centro

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Hemisfério Norte e Região Mediterrânica

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Sobre troncos ou rochas expostas geralmente calcárias

OBSERVAÇÕES: Tufos verdes dourados muito sedosos, aderentes ao substrato. Reconhece-se com facilidade no campo, principalmente em seco, por apresentar as folhas pregueadas, muito brilhantes e sedosas



Musgo-trançado-comum

Hypnum cupressiforme

Filo Bryophyta · Família Hypnaceae

TAMANHO: Talos 3-10 cm de comprimento

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, sobretudo no Norte e Centro

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Ampla distribuição

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Base de troncos, rochas ou solo de florestas ou locais geralmente sombrios

OBSERVAÇÕES: Tufos verde-dourado pouco aderentes ao substrato. Reconhece-se com facilidade pelas folhas em forma de foice



Musgo-rabo-de-gato

Leucodon sciuroides

Filo Bryophyta · Família Leucodontaceae

TAMANHO: Talos até 7 cm de comprimento

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Madeira e Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: África, Europa e Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Troncos de oliveiras, bosques de carvalhos (com maior incidência nas árvores adultas ou rochas)

OBSERVAÇÕES: Tufos verde escuro, com talos longos, roliços e pendentes. Reconhece-se com facilidade, principalmente em seco, por ter as folhas muito aderentes ao talo principal





Musgo-capuz-de-pontas-brancas

Orthotrichum diaphanum

Filo Bryophyta · Família Orthotrichaceae

TAMANHO: Talos até 1 cm de comprimento

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Madeira e Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Ampla distribuição

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Troncos de árvores de florestas, parques e jardins. Característico de locais intervencionados da região Mediterrânica

OBSERVAÇÕES: As folhas terminam num pêlo transparente bem visível na imagem de pormenor, onde também se pode ver uma estrutura circular (perístoma) com dentes brancos característicos

Hepática-de-orelhas · Hepática-das-canecas

Frullania dilatata

Filo Marchantiophyta · Família Frullaniaceae

TAMANHO: Talos principais, 0,5-1 mm de largura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Troncos de árvores de florestas, parques e jardins

OBSERVAÇÕES: Folhosa, irregularmente ramificada, verde, avermelhada ou quase negro, muito aderentes ao substrato



Lunularia

Lunularia cruciata

Filo Marchantiophyta · Família Lunulariaceae

TAMANHO: Talos, 0,5-1 cm de largura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Solos e taludes de caminhos de zonas cultivadas, parques e jardins

OBSERVAÇÕES: Possui estruturas em meia-lua onde se desenvolvem pequenas gemas em forma de disco. Talosa, verde, em colónias muito aderentes ao substrato



FETOS

Os pteridófitos são plantas vasculares vulgarmente designadas por fetos. Não produzem flores, frutos ou sementes, mas possuem verdadeiras raízes, caules e folhas. Como todas as plantas vasculares, têm tecidos especializados para o transporte da água e dos nutrientes (xilema e floema). A reprodução destas plantas faz-se através de esporos, e requer a presença de água, o que explica a sua preferência pelos locais de maior humidade. Os fetos também se podem reproduzir vegetativamente através dos seus rizomas (caule subterrâneo,

perene, coberto de escamas). O tamanho dos fetos é muito variável, desde plantas muito pequenas até grandes fetos arbóreos. A maioria dos fetos pertence à classe Filicopsida que compreende cerca de 8500 espécies distribuídas por 33 famílias, vinte das quais ocorrem na Península Ibérica. Os fetos encontram-se por todo o mundo, embora sejam mais comuns em regiões tropicais e subtropicais. Muitos são utilizados como plantas medicinais, em fitoterapia, etnomedicina ou para fins ornamentais.

Avenca

Adiantum capillus-veneris

Classe Filicopsida · Família Adiantaceae

TAMANHO: Folhas até 55 cm de comprimento

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Regiões tropicais, subtropicais e temperadas

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Fendas das rochas, dos poços e dos muros, em locais húmidos e sombrios





Douradinha

Ceterach officinarum

Classe Filicopsida · Família Aspleniaceae

TAMANHO: Folhas até 25 cm de comprimento

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica, Canárias, Oeste da Europa

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Locais rochosos secos e muros velhos

OBSERVAÇÕES: Folhas espessas cobertas de escamas cor de ferrugem na parte inferior



Feto-real

Osmunda regalis

Classe Filicopsida · Família Osmundaceae

TAMANHO: Folhas até 1,5 m de comprimento

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental excepto interior do Alentejo; Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Regiões temperadas e tropicais, ausente na Austrália e ilhas do Pacífico

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Março a Setembro

HABITAT: Sítios húmidos, frequentemente turfosos

OBSERVAÇÕES: As estruturas reprodutoras situam-se nas extremidades das folhas férteis. O caule é curto e robusto. As folhas são caducas (caem no Inverno)

Feto-comum

Pteridium aquilinum

Classe Filicopsida · Família Hypolepidaceae

TAMANHO: Folhas podem ultrapassar 1,5 m de comprimento

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Em todo o mundo

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Junho a Outubro

HABITAT: Em locais ensolarados. Na Região mediterrânica prefere locais mais sombrios

OBSERVAÇÕES: Reveste grandes áreas nos terrenos mais ácidos. Espécie com rizoma profundo, muito desenvolvido



PLANTAS HERBÁCEAS

Margaridas, papoilas e bocas-de-lobo, são exemplos de plantas herbáceas ou ervas. As plantas herbáceas possuem raízes, caules e folhas, no entanto os seus caules não são lenhosos, mas sim tenros e, por vezes, fibrosos.

Geralmente não ultrapassam os 2 m de altura. As plantas herbáceas podem ser anuais, bianuais ou perenes. O ciclo de vida das plantas anuais, desde a germinação das sementes até à floração e produção de novas sementes, ocorre numa única estação de crescimento, que pode durar algumas semanas ou meses. Plantas herbáceas bianuais necessitam de duas estações de crescimento, para

produzirem novas sementes. No caso das plantas perenes, os caules morrem no fim da época de crescimento, mas podem voltar a desenvolver-se a partir das raízes ou de caules subterrâneos (bolbos ou tubérculos, por exemplo). Algumas plantas herbáceas, em especial as anuais, possuem um crescimento rápido sendo espécies pioneiras na colonização de novos habitats ou de habitats em recuperação (por exemplo, após um incêndio). As plantas herbáceas estão geralmente presentes em todos os habitats: florestas, matos, prados, sapais, dunas, etc.

Campainhas-amarelas

Narcissus obesus

Monocotiledonea · Família Amaryllidaceae

TAMANHO: Erva até 30 cm de comprimento

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Nordeste, Estremadura, Alentejo interior e Algarve

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Sudoeste da Europa, Noroeste de África

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Janeiro - Março

HABITAT: Matos, locais secos e pedregosos, arrelvados temporariamente encharcados

OBSERVAÇÕES: Planta com bolbo. Alguns autores consideram-na uma subespécie



Jarro

Arum italicum

Monocotiledonea · Família Araceae

TAMANHO: Erva persistente até 50 cm de comprimento

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental (Nordeste, Estremadura, Alentejo interior e Algarve), Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Canárias

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Fevereiro – Junho

HABITAT: Locais húmidos, frescos ou ensombrados

OBSERVAÇÕES: Tem um tubérculo horizontal





Abrótea

Asphodelus ramosus

Monocotiledonea · Família Liliaceae

TAMANHO: Erva até 1,8 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Fevereiro – Junho

HABITAT: Terrenos baldios, locais pedregosos, matas e matos abertos

OBSERVAÇÕES: Tem raízes carnudas



Satirião-menor

Anacamptis pyramidalis

Monocotiledonea · Família Orchidaceae

TAMANHO: Erva até 50 cm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Oeste da Ásia e Norte de África

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Março - Maio

HABITAT: Descampados e arrelvados secos

OBSERVAÇÕES: Tem raízes tuberosas



Cana

Arundo donax

Monocotiledonea · Família Poaceae

TAMANHO: Caule com 2-6 m de comprimento

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Junho – Outubro

HABITAT: Locais húmidos, margens de valas e de linhas de água

OBSERVAÇÕES: Espécie exótica. Provavelmente oriunda do Centro e Sul da Ásia. Usada em sebes e para suster taludes



Bole-bole

Briza maxima

Monocotiledonea · Família Poaceae

TAMANHO: Erva até 50 cm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica, Canárias

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Março – Julho

HABITAT: Locais secos e áridos, bermas de estrada, terrenos baldios, matos





Balanço · Aveia-Barbada

Avena barbata

Monocotiledonea · Família Poaceae

TAMANHO: Erva até 90 cm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica, Canárias, Ásia

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Fevereiro – Junho

HABITAT: Bermas de estrada, terrenos baldios



Margarida

Bellis perennis

Eudicotiledonea · Família Asteraceae

TAMANHO: Erva até 20 cm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Região Mediterrânica

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Relvados, prados e bermas de caminhos

Borragem

Borago officinalis

Eudicotiledonea · Família Boraginaceae

TAMANHO: Erva até 70 cm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica, Sudoeste da Ásia, Canárias

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Fevereiro – Junho

HABITAT: Locais cultivados, incultos, pousios, margens de caminhos



Mostarda-dos-campos

Sinapis arvensis

Eudicotiledonea · Família Brassicaceae

TAMANHO: Erva até 80 cm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Centro e Sul de Portugal Continental, Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Oeste da Ásia, Norte de África

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Fevereiro – Agosto

HABITAT: Erva daninha das culturas de Primavera, searas, terrenos com intervenção humana



Arroz-dos-telhados

Sedum album

Eudicotiledonea · Família Crassulaceae

TAMANHO: Erva até 30 cm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, excepto litoral Alentejano

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Noroeste de África, Sudoeste da Ásia

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Maio – Julho

HABITAT: Locais rochosos, muros velhos, bermas de estrada

OBSERVAÇÕES: Folhas carnudas, fazendo lembrar bagos de arroz





Umbigo-de-vénus

Umbilicus rupestris

Eudicotiledonea · Família Crassulaceae

TAMANHO: Erva até 50 cm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica, Oeste da Europa, Canárias

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Março – Junho

HABITAT: Muros, telhados, fendas de rochas e cascas de árvores



Trevo-azedo

Oxalis pes-caprae

Eudicotiledonea · Família Oxalidaceae

TAMANHO: Erva até 30 cm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Originária da África do Sul (região do Cabo), frequente na região Mediterrânica e Oeste da Europa

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Novembro – Maio

HABITAT: Terras cultivadas, locais descampados

OBSERVAÇÕES: Espécie exótica e invasora. Mais frequente em terrenos agrícolas mas invadindo também áreas naturais, competindo com as espécies nativas.

Papoila-das-searas

Papaver rhoeas

Eudicotiledonea · Família Papaveraceae

TAMANHO: Erva até 90 cm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Ásia, Norte de África, Canárias

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Março – Junho

HABITAT: Searas, campos cultivados e baldios



Bocas-de-lobo

Antirrhinum majus

Eudicotiledonea · Família Scrophulariaceae

TAMANHO: Erva até 1,5 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental (mais frequente no litoral), Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Março – Julho

HABITAT: Arribas, fendas de rochas, muros, sebes



Dedaleira

Digitalis purpurea

Eudicotiledonea · Família Scrophulariaceae

TAMANHO: Erva até 1,8 m

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental excepto litoral alentejano, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa Ocidental e Central, Noroeste de África, Canárias

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Maio – Agosto

HABITAT: Sítios húmidos, frescos ou sombrios

OBSERVAÇÕES: Planta venenosa



ÁRVORES E ARBUSTOS

As árvores são plantas de caules lenhosos, capazes de crescer em altura e espessura por muitos anos.

Distinguem-se dos arbustos por possuírem um tronco principal que se ramifica a alguma distância do solo e que alcança geralmente uma altura mínima de cinco metros.

Os arbustos não têm um tronco principal e ramificam-se desde a base.

As árvores que vulgarmente se chamam resinosas são Gimnospérmicas.

Estas árvores não produzem verdadeiras flores e as sementes desenvolvem-se nuas e protegidas por escamas.

As árvores geralmente chamadas folhosas são Angiospérmicas.

Estas produzem flores verdadeiras, em que os óvulos e as sementes que deles resultam estão encerrados num ovário, dando este origem ao fruto.

Das árvores e arbustos apresentados neste guia, os pinheiros, o teixo e a sabina-das-praias são Gimnospérmicas.

As restantes são Magnoliidas e Eudicotiledóneas, dois dos três grupos fundamentais que se reconhecem nas Angiospérmicas.

Sabina-das-praias

Juniperus turbinata

Coniferofita · Família Cupressaceae

TAMANHO: Arbusto prostrado ou pequena árvore, até 6 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental nas zonas costeiras a Sul do Mondego e vale do Guadiana

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica Ocidental

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Fevereiro - Março

HABITAT: Matos litorais sobre areia ou rochas e também em vales quentes e secos do interior

OBSERVAÇÕES: Folhas persistentes (perenes) em forma de escamas (escamiformes)



Pinheiro-bravo

Pinus pinaster

Coniferofita · Família Pinaceae

TAMANHO: Árvore até 40 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica Ocidental

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Abril – Maio

HABITAT: Solos soltos e arenosos

OBSERVAÇÕES: Folhas persistentes (perenes). Copa irregular. Espécie cultivada na maior parte do território nacional



Pinheiro-manso

Pinus pinea

Coniferofita · Família Pinaceae

TAMANHO: Árvore até 30 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, excepto interior do Norte e Centro

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Sul da Europa, Sudoeste da Ásia (provavelmente originário do Mediterrâneo Oriental)

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Março – Maio

HABITAT: Solos profundos de regiões quentes sem geadas

OBSERVAÇÕES: Folhas persistentes (perenes). Copa abobadada. É cultivada pela madeira e pelos pinhões





Teixo

Taxus baccata

Coniferofta · Família Taxaceae

TAMANHO: Árvore ou arbusto até 15 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Serras do Centro e Norte de Portugal Continental (Estrela e Gerês), Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África e Oeste da Ásia

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Março – Abril

HABITAT: Matos e bosques

OBSERVAÇÕES: Esta espécie é considerada uma relíquia genética porque apareceu há mais de 65 milhões de anos. As folhas são muito venenosas pela presença de um alcalóide, a taxina, muito utilizada na medicina, nomeadamente, no combate ao cancro



Loureiro

Laurus nobilis

Magnoliida · Família Lauraceae

TAMANHO: Árvore até 10 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, excepto interior Sul e Centro

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Fevereiro – Maio

HABITAT: Matas, lugares sombrios e margens de cursos de água

OBSERVAÇÕES: Folhas persistentes (perenes). Muito cultivada em toda a Península Ibérica



Sabugueiro

Sambucus nigra

Eudicotiledonea · Família Adoxaceae

TAMANHO: Arbusto até 5 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África, Europa e Ásia

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Abril – Agosto

HABITAT: Matos, galerias ribeirinhas, sebes húmidas e sombrias, cultivada com frequência

OBSERVAÇÕES: Folhas persistentes (perenes). Os frutos são bagas pretas

Folhado

Viburnum tinus

Eudicotiledonea · Família Adoxaceae

TAMANHO: Arbusto que raramente ultrapassa os 6 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, mais frequente no Sul e litoral

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Março – Abril

HABITAT: Matos, bosques, galerias ribeirinhas e jardins

OBSERVAÇÕES: Folhas persistentes (perenes). Fruto azul-escuro a preto, com um só caroço



Aroeira

Pistacia lentiscus

Eudicotiledonea · Família Anacardiaceae

TAMANHO: Arbusto até 6 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Centro e Sul de Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica, Canárias

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Março – Maio

HABITAT: Matos e bosques

OBSERVAÇÕES: Folhas persistentes. Frutos vermelhos, com um só caroço



Amieiro

Alnus glutinosa

Eudicotiledonea · Família Betulaceae

TAMANHO: Árvore até 30 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Ásia

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Fevereiro – Março

HABITAT: Margens de rios e ribeiras

OBSERVAÇÕES: Folhas caducas (caem no Inverno)





Madressilva

Lonicera implexa

Eudicotiledonea · Família Caprifoliaceae

TAMANHO: Trepadeira raramente com mais de 5 m

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Maio – Junho

HABITAT: Matos, bosques e sebes

OBSERVAÇÕES: Folhas caducas (caem no Inverno). Os frutos são bagas vermelhas



Roselha-grande

Cistus albidus

Eudicotiledonea · Família Cistaceae

TAMANHO: Arbusto até 2 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Abril – Junho

HABITAT: Matos baixos, geralmente sobre solos calcários



Roselha

Cistus crispus

Eudicotiledonea · Família Cistaceae

TAMANHO: Arbusto até 1 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental excepto a Norte do Douro

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Abril – Junho

HABITAT: Matos baixos

Esteva

Cistus ladanifer

Eudicotiledonea · Família Cistaceae

TAMANHO: Arbusto até 3 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental (menos frequente no litoral Norte), Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África, Península Ibérica e Sul de França

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Maio – Junho

HABITAT: Matos sobre rochas ácidas (por exemplo, xistos)

OBSERVAÇÕES: As folhas são muito aromáticas, brilhantes e viscosas devido à secreção de uma resina pegajosa usada em perfumaria



Sargaço

Cistus monspeliensis

Eudicotiledonea · Família Cistaceae

TAMANHO: Arbusto até 1 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Centro e Sul de Portugal Continental, Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Março – Junho

HABITAT: Matos baixos e de zonas quentes

OBSERVAÇÕES: As folhas são alongadas e viscosas



Medronheiro

Arbutus unedo

Eudicotiledonea · Família Ericaceae

TAMANHO: Arbusto ou pequena árvore até 5 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África, Sul da Europa, Médio Oriente

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Outubro - Fevereiro

HABITAT: Matos e bosques

OBSERVAÇÕES: Os frutos são comestíveis, sendo fermentados para fazer aguardente ou vinagre





Queiró

Calluna vulgaris

Eudicotiledonea · Família Ericaceae

TAMANHO: Arbusto com 20-100 cm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África, Europa

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Fevereiro – Novembro

HABITAT: Matos



Urze-branca

Erica arborea

Eudicotiledonea · Família Ericaceae

TAMANHO: Arbusto que excede frequentemente os 2 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Março-Junho, Julho

HABITAT: Matos e bosques pouco densos

OBSERVAÇÕES: Dos seus troncos fazem-se cachimbos



Torga

Erica umbellata

Eudicotiledonea · Família Ericaceae

TAMANHO: Arbusto raramente excedendo 50 cm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Espanha, Noroeste de África

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Abril – Junho

HABITAT: Matos, matas abertas, areais costeiros

Maleiteira-maior

Euphorbia characias

Eudicotiledonea · Família Euphorbiaceae

TAMANHO: Arbusto até 1,8 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica Ocidental

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Março – Junho

HABITAT: Locais abertos e ensolarados

OBSERVAÇÕES: Folhas persistentes (perenes). Produz um “leite” (latex) venenoso



Acácia-austrália

Acacia melanoxylon

Eudicotiledonea · Família Fabaceae

TAMANHO: Árvore até 30 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Originária do Sudoeste da Austrália e Tasmânia. Ampla distribuição mundial

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Janeiro - Março

HABITAT: Terrenos frescos dos vales ou margens de cursos de água e vias de comunicação

OBSERVAÇÕES: Espécie exótica e invasora. Introduzida para fins ornamentais e cultivada para fixação de solos e como espécie florestal. É uma das piores espécies invasoras em Portugal. Forma povoamentos muito densos que impedem o desenvolvimento das espécies nativas. Promove a alteração do solo devido à produção de folhada rica em azoto. Folhas persistentes (perenes)





Giesteira-das-serras · Giesta-amarela

Cytisus striatus

Eudicotiledonea · Família Fabaceae

TAMANHO: Arbusto até 3 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, sendo mais rara no interior Sul

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Península Ibérica

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Abril - Junho

HABITAT: Matos, orlas de bosques, frequentemente cultivada

OBSERVAÇÕES: Folhas caducas (caem no Inverno), estando apenas presentes nos ramos jovens. Frutos totalmente cobertos por pêlos brancos (ver foto de pormenor)



Carqueja

Pterospartum tridentatum

Eudicotiledonea · Família Fabaceae

TAMANHO: Arbusto até 1 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, sendo mais rara no Sul

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Península Ibérica, Norte de África

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Abril - Julho

HABITAT: Matos, sub-bosques de pinhais e sobreirais

OBSERVAÇÕES: Folhas persistentes (perenes). Os caules têm 2 asas onduladas. Usada para infusões e na culinária



Tojo-gatunho

Ulex densus

Eudicotiledonea · Família Fabaceae

TAMANHO: Arbusto denso até 50 cm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Região de Lisboa e Serra da Arrábida

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Março - Julho

HABITAT: Matos, geralmente em terrenos calcários

OBSERVAÇÕES: Espécie endémica.

Castanheiro

Castanea sativa

Eudicotiledonea · Família Fagaceae

TAMANHO: Árvore até 30 m de altura

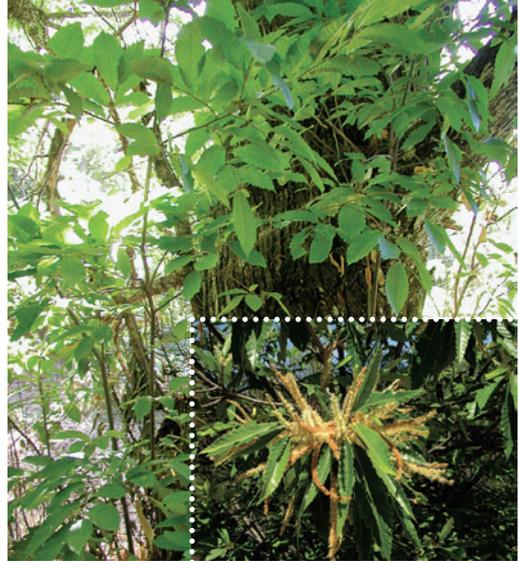
DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, principalmente nas serras do interior Centro e Norte. Introduzida na Madeira e Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica (espécie introduzida na maior parte da sua área de distribuição actual)

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Maio – Junho

HABITAT: Terrenos graníticos de regiões montanhosas

OBSERVAÇÕES: Folhas caducas (caem no Inverno)



Garrasco

Quercus coccifera

Eudicotiledonea · Família Fagaceae

TAMANHO: Arbusto até 3 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Centro e Sul de Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica e Sudoeste da Ásia

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Abril – Maio

HABITAT: Matos secos, escarpas secas e rochosas

OBSERVAÇÕES: Folhas persistentes (perenes) de textura semelhante a couro (coriácea), cujas faces são verde-brilhante e sem pêlos



Carvalho-cerquinho

Quercus faginea

Eudicotiledonea · Família Fagaceae

TAMANHO: Árvore até 25 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental excepto Noroeste

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Península Ibérica, Norte de África

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Abril – Maio

HABITAT: Carvalhais, sobreirais e azinhais

OBSERVAÇÕES: Folhas marcescentes (murcham no Outono mas só caem na Primavera seguinte). Os bosques de *Quercus faginea* são um habitat protegido





Carvalho-negral

Quercus pyrenaica

Eudicotiledonea · Família Fagaceae

TAMANHO: Árvore até 25 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental excepto Baixo Alentejo e Algarve

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África e Sudoeste da Europa

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Maio – Junho

HABITAT: Matas de clima mediterrânico mais continental (com geadas significativas)

OBSERVAÇÕES: Folhas murcham no Outono mas só caem na Primavera seguinte (marcescentes)



Carvalho-alvarinho

Quercus robur

Eudicotiledonea · Família Fagaceae

TAMANHO: Árvore até 45 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Norte de Portugal e Serra de Sintra

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Abril – Maio

HABITAT: Matas de clima temperado

OBSERVAÇÕES: Folhas caducas (caem no Inverno)



Azinheira

Quercus rotundifolia

Eudicotiledonea · Família Fagaceae

TAMANHO: Árvore de 15-20 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Ausente do Noroeste de Portugal

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África, Sudoeste da Europa

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Março – Junho

HABITAT: Montados, sobreirais e outros bosques

OBSERVAÇÕES: Folhas persistentes (perenes), cinzento-esbranquiçadas na face inferior devido à presença de abundantes pêlos brancos

Sobreiro

Quercus suber

Eudicotiledonea · Família Fagaceae

TAMANHO: Árvore até 25 m de altura

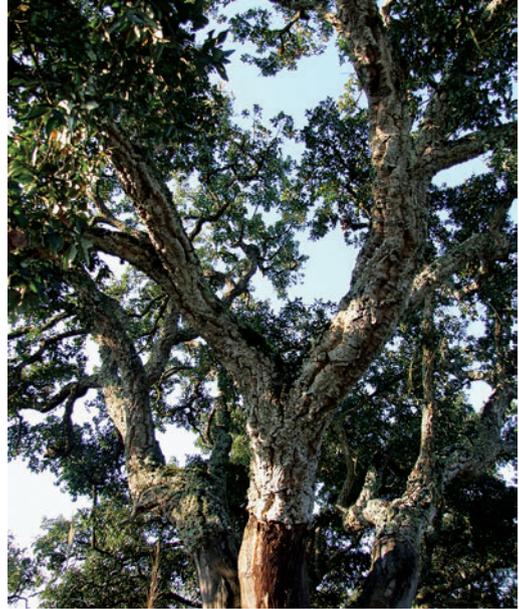
DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica Ocidental

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Abril – Maio

HABITAT: Sobreirais e montados

OBSERVAÇÕES: Folhas persistentes (perenes). Árvore de onde se retira a cortiça, de que Portugal é o maior produtor mundial. O montado é um habitat protegido



Rosmaninho

Lavandula luisieri

Eudicotiledonea · Família Lamiaceae

TAMANHO: Arbusto até 1 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental excepto Nordeste

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Oeste da Península Ibérica

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Fevereiro – Junho

HABITAT: Matos baixos secos e quentes

OBSERVAÇÕES: Folhas persistentes (perenes). As flores estão agrupadas numa espiga compacta encimada de folhas mais ou menos modificadas (brácteas) que se assemelham a um penacho



Alecrim

Rosmarinus officinalis

Eudicotiledonea · Família Lamiaceae

TAMANHO: Arbusto até 2 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Centro e Sul de Portugal Continental, Douro e Nordeste, Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Quase todo o ano

HABITAT: Matos secos e quentes

OBSERVAÇÕES: Folhas persistentes (perenes). As folhas são usadas em perfumaria e culinária. As flores são utilizadas pelas abelhas para produzir mel





Eucalipto

Eucalyptus globulus

Eudicotiledonea · Família Myrtaceae

TAMANHO: Árvore até 50 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Cultivado em todo o país

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Originária da Tasmânia. Ampla distribuição mundial

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Outono – Inverno

HABITAT: Cultivado em diversos tipo de solo

OBSERVAÇÕES: Espécie exótica. É a espécie de eucalipto mais cultivada em todo o mundo; na ausência de gestão adequada poderá adquirir comportamento invasor em locais húmidos e pouco sujeitos a geada. Folhas persistentes (perenes)



Murta

Myrta communis

Eudicotiledonea · Família Myrtaceae

TAMANHO: Arbusto até 5m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental excepto nordeste. Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica, Canárias, Sudoeste e Centro da Ásia

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Junho – Agosto

HABITAT: Matos secos, orlas de bosques

OBSERVAÇÕES: Folhas persistentes (perenes). Folhas brilhantes e aromáticas



Freixo-comum

Fraxinus angustifolia

Eudicotiledonea · Família Oleaceae

TAMANHO: Árvore até 20 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica Ocidental

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Março - Abril

HABITAT: Margens de cursos de água, bosques frescos

OBSERVAÇÕES: Folhas caducas (caem no Inverno). Árvore ornamental, muito comum em parques e jardins

Oliveira · Zambujeiro

Olea europaea var. *Europaea* · *Olea europaea*
var. *sylvestris*

Eudicotiledonea · Família Oleaceae

TAMANHO: Árvore ou arbusto até 15m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Centro e Sul de Portugal Continental e ao longo do rio Douro

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Maio – Junho

HABITAT: O zambujeiro está presente em azinhais, sobreirais, bosques de carvalho-cerquinho

OBSERVAÇÕES: A oliveira é cultivada em todos os países da bacia do Mediterrâneo. Folhas persistentes (perenes)



Aderno-bastardo

Rhamnus alaternus

Eudicotiledonea · Família Rhamnaceae

TAMANHO: Arbusto até 2m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Centro e Sul de Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Março – Maio

HABITAT: Sebes, matos e bosques de folhas persistentes (perenes) ou folhas marcescentes (murcham no Outono mas só caem na Primavera seguinte)

OBSERVAÇÕES: Folhas persistentes (perenes)



Pilriteiro

Crataegus monogyna

Eudicotiledonea · Família Rosaceae

TAMANHO: Arbusto ou pequena árvore até 10 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Ásia, Norte de África

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Abril - Junho

HABITAT: Sebes, orla de bosques, silvados

OBSERVAÇÕES: Folhas caducas (caem no Inverno)





Silva

Rubus ulmifolius

Eudicotiledonea · Família Rosaceae

TAMANHO: Arbusto trepador com os caules recobertos de acúleos (“picos” como os da roseira)

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica, Canárias

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Maio – Agosto

HABITAT: Bosques, sebes, campos abandonados e margens de cursos de água

OBSERVAÇÕES: Os seus frutos – as amoras – são usados na confecção de compotas e sumos



Gilbardeira

Ruscus aculeatus

Eudicotiledonea · Família Asparagaceae

TAMANHO: Arbusto até 1 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa Mediterrânica, Noroeste de África, Canárias

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Março – Junho

HABITAT: Vários tipos, mas prefere locais frescos e sombrios. Frequente em florestas de *Quercus* spp.

OBSERVAÇÕES: Folhas persistentes (perenes), muito pequenas. Os frutos são bagas de cor vermelha que se desenvolvem sobre caules aplanados e em forma de folha (cladódios). Espécie protegida pela legislação europeia e nacional



Choupo-branco

Populus alba

Eudicotiledonea · Família Salicaceae

TAMANHO: Árvore até 25 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Centro e Sul da Europa, Ásia Central e Ocidental, Norte de África

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Fevereiro - Abril

HABITAT: Em solos frescos e húmidos ou na proximidade de cursos de água

OBSERVAÇÕES: Folhas caducas (caem no Inverno). Espécie cultivada de introdução muito antiga. As folhas são prateadas

Choupo-negro

Populus nigra

Eudicotiledonea · Família Salicaceae

TAMANHO: Árvore até 30 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Oeste da Ásia, Norte de África, Canárias

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Fevereiro – Maio

HABITAT: Em solos húmidos ou na proximidade de cursos de água

OBSERVAÇÕES: Folhas caducas (caem no Inverno), triangulares e sem pêlos. Espécie cultivada de introdução muito antiga.



Alegra-campo

Smilax aspera

Monocotiledonea · Família Smilacaceae

TAMANHO: Arbusto trepador

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental excepto no Nordeste, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Sul da Europa, Oeste da Ásia, Norte de África, Canárias

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Abril – Dezembro

HABITAT: Matas e matos mais ou menos húmidos, sebes e muros velhos

OBSERVAÇÕES: Folhas persistentes (perenes), caules lisos ou recobertos por acúleos (“picos” como os da roseira). Apresenta grande variação na forma das folhas



Trovisco

Daphne gnidium

Eudicotiledonea · Família Thymelaeaceae

TAMANHO: Arbusto até 2 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica, Canárias

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Verão – Outono

HABITAT: Matos secos

OBSERVAÇÕES: Planta muito venenosa. Folhas persistentes (perenes)



ARANHAS E OUTROS INVERTEBRADOS

Aqui apresentamos alguns exemplos de animais invertebrados que constituem a grande maioria dos animais.

Os invertebrados caracterizam-se, genericamente, pela ausência de coluna vertebral ou esqueleto interno e estão agrupados em diversos grupos.

Os anelídeos, como as minhocas-da-terra, têm o corpo mole, mais ou menos cilíndrico e segmentado. Estes segmentos ou anéis originam internamente vários compartimentos. Estes animais colonizam todos os tipos de habitats, incluindo habitats marinhos e de água doce.

Os moluscos são outro grupo heterogêneo e de grande diversidade. As diferentes espécies deste grupo apresentam uma morfologia externa muito diversificada.

Os moluscos incluem, os gastrópodes, como os caracóis, os bivalves, como os mexilhões e os cefalópodes, como as lulas, os chocos e os polvos.

Os artrópodes são os animais com a maior diversidade de espécies.

Todos os artrópodes têm as extremidades articuladas, como as patas e as antenas, e o corpo dividido em segmentos.

Enquanto que nos anelídeos os segmentos são todos semelhantes, no caso dos artrópodes estão modificados e geralmente agrupados ou fundidos em zonas bem definidas. Os grupos mais importantes de artrópodes são: os quelicerados (como as aranhas e os lacraus) e os mandibulados. Neste último grupos temos: os crustáceos, como o bicho-de-conta, os camarões e os caranguejos; os miriápodes, como a maria-café; e os insectos (ver próximo capítulo). As aranhas reconhecem-se pela ausência de antenas e presença de quatro pares de patas. Os crustáceos distinguem-se dos outros artrópodes pela presença de dois pares de antenas. A maioria vive no mar, mas também existem muitas espécies de água doce e algumas de vida terrestre, como o bicho-de-conta. Os miriápodes são também muito heterogêneos, mas todos apresentam o corpo dividido em duas partes: a cabeça e o tronco. O tronco é geralmente longo, composto por segmentos idênticos, cada um com um ou dois pares de patas.

Falsa-viúva-vermelha

Steatoda nobilis

Ordem Araneae · Família Theridiidae

TAMANHO: Comprimento cabeça-abdómen 9-14 mm (fêmea) e 7-11 mm (macho)

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Península Ibérica, Macaronésia. Introduzida em Inglaterra

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano (machos adultos, Primavera e Verão)

HABITAT: Habitats diversos, desde zonas urbanas até bosques e matos

OBSERVAÇÕES: Espécie mais comum de aranhas. Mais activa à noite



Aranha-vespa

Argiope bruennichi

Ordem Araneae · Família Araneidae

TAMANHO: Comprimento cabeça-abdómen 11-20 mm (fêmea) e 4-6 mm (macho)

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Médio Oriente, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano (fêmeas adultas, Primavera a Outono; machos adultos, Verão)

HABITAT: Ervas e arbustos, geralmente em prados, zonas agrícolas, matos e bosques

OBSERVAÇÕES: Geralmente a fêmea come o macho após o acasalamento





Aranha-de-cruz-pálida

Araneus pallidus

Ordem Araneae · Família Araneidae

TAMANHO: Comprimento cabeça-abdómen 12-17 mm (fêmea) e 5-10 mm (macho)

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental (mais comum no Sul)

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Portugal, Espanha, França, Norte de África

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano (fêmeas adultas, fim Verão-Inverno; machos adultos, fim Verão-Outono)

HABITAT: Arbustos e pequenas árvores, geralmente em jardins e pomares

OBSERVAÇÕES: Recusa insectos quimicamente tóxicos, cortando a teia em redor dos insectos e deixando-os cair



Aranha-florícola-de-tubérculos

Thomisus onustus

Ordem Araneae · Família Thomisidae

TAMANHO: Comprimento cabeça-abdómen 7 mm (fêmea) e 3 mm (macho)

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Médio Oriente, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano (fêmeas adultas, fim da Primavera a início do Outono; machos adultos, Verão)

HABITAT: Flores, geralmente em prados, matos e bosques

OBSERVAÇÕES: Esta espécie pode mudar de cor, dependendo da flor onde está



Lacrau

Buthus occitanus

Ordem Araneae · Família Buthidae

TAMANHO: 5-6 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África e Europa

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Março - Outubro

HABITAT: Matos, tem preferência por zonas áridas, em rochas expostas ao sol

OBSERVAÇÕES: Espécie cuja picada é venenosa



Caracoleta

Cornu aspersum

Ordem Stylommatophora · Família Helicidae

TAMANHO: Concha com 25-45 mm de diâmetro e 18-40 mm de altura

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Portugal Continental, mais abundante no Centro e Sul

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa Ocidental e Mediterrânica, Norte África

Introduzida em diversas partes do Mundo

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Locais húmidos e sombrios, em terrenos cultivados ou jardins





Caracol-pequeno · Caracol-das-cervejarias

Theba pisana

Ordem Stylommatophora · Família Helicidae

TAMANHO: Concha com 12-25 mm de diâmetro e 9-20 mm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Orla costeira a Sul do Tejo, sendo menos frequente a Norte

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica. Introduzida noutros países Europeus

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Espécie costeira, que ocupa locais secos ou dunas



Bicho-de-conta

Armadillidium vulgare

Ordem Isopoda · Família Armadillidae

TAMANHO: 18 mm comprimento

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental.

Introduzida nos Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa. Introduzida na América do Norte

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Locais húmidos e sombrios (por vezes, debaixo de pedras e cascas), em jardins, bosques, matos, zonas agrícolas e pastos. Ocorrem em solos calcários, excepto em zonas costeiras

OBSERVAÇÕES: Como mecanismo de defesa enrolam-se numa bola apertada

Maria-café

Ommatoiulus moreletti

Ordem Julida - Família Julidae

TAMANHO: 2-4,5 cm comprimento

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental.

Introduzida nos Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Península Ibérica. Introduzida nos Açores e Madeira e na Austrália

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Habitats diversos como jardins, zonas agrícolas e florestais, bosques e matos

OBSERVAÇÕES: Como mecanismo de defesa enrolam-se



Minhoca

Lumbricus terrestris

Classe Oligochaeta - Família Lumbricidae

TAMANHO: 9-30 cm comprimento

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa. Introduzida em diversas partes do Mundo

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Habitats diversos como jardins, zonas agrícolas e florestais, bosques e matos

OBSERVAÇÕES: Constroem galerias subterrâneas, que podem ir até 2,5m de profundidade



INSECTOS

Tal como as aranhas ou os crustáceos, os Insectos são Artrópodes. Estes animais distinguem-se por terem o corpo dividido em três partes (cabeça, tórax e abdómen); pela presença de seis patas; e por, a maioria, ter quatro asas (nenhum outro invertebrado tem asas). Na cabeça de um insecto existem duas antenas, os olhos compostos e a boca, que é muito importante para distinguir os diferentes grupos. No tórax encontram-se as patas e as asas (quando existem), e no abdómen os órgãos reprodutores.

Os Insectos possuem uma enorme diversidade biológica com mais de um milhão de espécies descritas e muitas mais por descrever.

Ao contrário do que se passa com os vertebrados, é muito difícil quantificar o número de espécies de insectos existentes em Portugal. Uma estimativa recente aponta para cerca de 10500 espécies pertencentes a 25 Ordens. Podemos dizer com alguma exactidão que existem 61 espécies de Libélulas (Ordem Odonata) e 135 de borboletas diurnas (apenas cerca de 5% da diversidade da Ordem Lepidoptera). Já no caso dos Coleópteros, Lepidópteros, Dípteros e Himenópteros, a tarefa

não é tão simples. Os Coleópteros são o grupo mais numeroso de insectos do país, com cerca de 3800 espécies, seguidos dos Lepidópteros com mais de 2200 espécies e dos dípteros e himenópteros com cerca de 1500 e 1000 espécies respectivamente, mas muitas espécies estão ainda por descobrir.

Aqui damos exemplos de algumas das mais comuns e conhecidas: as libélulas (Ordem Odonata), os gafanhotos (Ordem Orthoptera), os louva-a-deus (Ordem Dictyoptera), as cigarras (Ordem Homoptera), os percevejos (Ordem Heteroptera), os libelóides (Ordem Neuroptera), as borboletas (Ordem Lepidoptera), os escaravelhos (Ordem Coleoptera), as moscas (Ordem Diptera) e as abelhas, vespas, formigas (Ordem Hymenoptera).

Em termos de diversidade é de salientar a enorme variedade de habitats (praticamente todos os habitats terrestres), de estratégias de vida e de funções ecológicas dos insectos, características que lhes valem um capítulo especial neste guia da Biodiversidade.

Caloptérix-virgem

Calopteryx virgo

Ordem Odonata · Família Calopterygidae

TAMANHO: 45-49 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Mediterrâneo ocidental

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Maio – Setembro

HABITAT: Pequenas ribeiras e outros cursos de água em zonas de floresta



Libelinha-azul-comum

Enallagma cyathigerum

Ordem Odonata · Família Coenagrionidae

TAMANHO: 29-36 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África, Europa

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Abril – Outubro

HABITAT: Todos os tipos de charcos, lagos, rios e ribeiras de águas lentas

OBSERVAÇÕES: Na foto podemos ver a posição típica de acasalamento das libélulas e libelinhas, em que o macho agarra a fêmea pela cabeça



Anax-imperador · Imperador-azul

Anax imperator

Ordem Odonata · Família Aeshnidae

TAMANHO: 66-84 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Madeira e Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África, Europa

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Março – Dezembro

HABITAT: Águas paradas de grande dimensão e com abundante vegetação nas margens

OBSERVAÇÕES: Machos têm comportamento territorial, evidenciando uma curvatura no abdómen para baixo quando estão a voar. Macho na foto de cima; fêmea na foto de baixo





Libélula-anelada

Cordulegaster boltonii

Ordem Odonata · Família Cordulegastriidae

TAMANHO: 74-80 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África, Europa

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Maio - Agosto

HABITAT: Ribeiras e pequenos rios de águas rápidas

OBSERVAÇÕES: A fêmea é semelhante ao macho



Libélula-escarlate

Crocothemis erythraea

Ordem Odonata · Família Libellulidae

TAMANHO: 36-45 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: África, Europa, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Março - Outubro

HABITAT: Vários tipos de cursos de água abertos e com águas estagnadas

OBSERVAÇÕES: Machos podem confundir-se com *Simpétrum-de-nervuras-vermelhas* (*Sympetrum fonscolombii*). No entanto, no caso da Libélula-

escarlate o abdómen é mais largo e não tem

coloração preta nas patas e cabeça. Macho na foto em cima; fêmea em baixo

Libélula-achatada

Libellula depressa

Ordem Odonata · Família Libellulidae

TAMANHO: 39-48 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Abril - Setembro

HABITAT: Vários tipos desde que com águas estagnadas

OBSERVAÇÕES: Abdómen particularmente largo. Espécie com grande capacidade de voo. Macho na foto em cima; fêmea em baixo



Ortitrum-reticulado

Orthetrum cancellatum

Ordem Odonata · Família Libellulidae

TAMANHO: 44-50 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África, Europa, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Abril - Setembro

HABITAT: Grandes massas de água abertas e com pouca vegetação nas margens, tais como, barragens, lagos, rios

OBSERVAÇÕES: Machos patrulham as águas, mas também é comum observá-los pousados na vegetação nos terrenos próximos. Macho na foto em cima; fêmea em baixo





Simpétrum-de-nervuras-vermelhas

Sympetrum fonscolombii

Ordem Odonata · Família Libellulidae

TAMANHO: África, Europa, Ásia

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Madeira, Açores.

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: 33-40 mm

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Vários tipos de cursos de água quente e parada (lagos, barragens, charcos, lagoas costeiras, etc.)

OBSERVAÇÕES: Olhos cinzento-azulados na parte inferior são uma característica desta espécie. Macho na foto em cima; fêmea em baixo



Grilo-do-campo

Gryllus campestris

Ordem Orthoptera · Família Gryllidae

TAMANHO: 20-26mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa Ocidental

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Maio – Julho

HABITAT: Prados secos e quentes de solos arenosos

OBSERVAÇÕES: O conhecido “canto” dos machos é produzido pela fricção das asas anteriores



Gafanhoto-verde-maior

Tettigonia viridissima

Ordem Orthoptera · Família Tettigoniidae

TAMANHO: Macho, 28-36 mm; fêmea, 32-42 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Julho - Outubro

HABITAT: Vários tipos (matos, prados, campos de cultivo, parques e jardins)

OBSERVAÇÕES: Este gafanhoto alimenta-se de pequenos insectos e é por isso importante no controlo de pragas em campo de cultivo e jardins

Gafanhoto-do-Egipto

Anacridium aegyptium

Ordem Orthoptera · Família Acrididae

TAMANHO: Macho: 32-56 mm; fêmea: 50-66 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica, Norte de África

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Agosto – Março

HABITAT: Matos áridos, secos e quentes

OBSERVAÇÕES: Inconfundível pelo grande tamanho e característicos olhos riscados



Gafanhoto-de-asas-azuis

Oedipoda caeruleascens

Ordem Orthoptera · Família Acrididae

TAMANHO: Macho 15-21 mm; fêmea 22-28 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Julho - Outubro

HABITAT: Prados secos e zonas pedregosas com vegetação baixa e escassa

OBSERVAÇÕES: Confunde-se com o meio quando pousado e o seu corpo pode ter diferentes tonalidades;

quando salta nos caminhos é inconfundível o azul-turquesa das asas posteriores



Louva-a-deus-comum

Mantis religiosa

Ordem Dictyoptera · Família Mantidae

TAMANHO: 20-90 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa. Introduzida na América do Norte para controlo de pragas de gafanhotos

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Primavera - Outono

HABITAT: Prados e matos secos e quentes

OBSERVAÇÕES: Também podem apresentar coloração castanha





Cigarrinha-verde

Cicadella viridis

Ordem Homoptera - Família Cicadellidae

TAMANHO: 6-20 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Verão - Outono

HABITAT: Prados húmidos, terrenos próximos de cursos de água

OBSERVAÇÕES: Na imagem podemos ver uma fêmea.

As asas dos machos são escuras castanho-avermelhado. Insectos saltadores



Cigarra-comum

Cicada orni

Ordem Homoptera - Família Cicadidae

TAMANHO: 30-35 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa Mediterrânica e Norte de África

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Junho-Agosto

HABITAT: Montados, olivais e pinhais

OBSERVAÇÕES: Muito semelhante a *Cicada barbara* de que se distingue através do canto. Em www.cicadasong.eu pode ouvir as canções das cigarras Europeias



Alfaiate

Gerris lacustris

Ordem Heteroptera - Família Gerridae

TAMANHO: 8-18 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África e Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Março - Setembro

HABITAT: Massas de água doces e calmas (barragens, tanques, charcos temporários, ribeiras)

OBSERVAÇÕES: Desloca-se sobre a água com movimentos bruscos

Percevejo-do-solo-comum

Spilostethus pandurus

Ordem Heteroptera · Família Lygaeidae

TAMANHO: 12-15 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, África e Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Vários tipos (prados, vegetação arbustiva, parques e jardins)



Percevejo-dos-ombros-comum

Carpocoris fuscispinus

Ordem Heteroptera · Família Pentatomidae

TAMANHO: 11-14 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa Ocidental

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Junho - Agosto

HABITAT: Matos e prados floridos, muito comum sobre cardos



Percevejo-das-riscas

Graphosoma lineatum

Ordem Heteroptera · Família Pentatomidae

TAMANHO: 10-11 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Maio – Agosto

HABITAT: Prados e matos floridos

OBSERVAÇÕES: Zona quadrangular atrás da cabeça (pronoto) com riscas





Percevejo-ponto-e-riscas

Graphosoma semipunctatum

Ordem Heteroptera · Família Pentatomidae

TAMANHO: 11-12 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Maio – Agosto

HABITAT: Prados e matos floridos

OBSERVAÇÕES: Zona quadrangular atrás da cabeça (pronoto) com pontos



Libelóide-comum

Libelloides longicornis

Ordem Neuroptera · Família Ascalaphidae

TAMANHO: Envergadura, 45-50 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Sul da Europa

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Maio – Julho

HABITAT: Prados floridos

OBSERVAÇÕES: Distingue-se das libélulas pelas antenas muito compridas e das borboletas por não ter escamas nas asas



Cinzentinha

Leptotes pirithous

Ordem Lepidoptera · Família Lycaenidae

TAMANHO: Envergadura, 22-29 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África, Europa, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Fevereiro - Dezembro

HABITAT: Vários tipos, jardins e parques

OBSERVAÇÕES: Asas que, na face superior, são de cor uniforme castanho com tons de azul (especialmente junto ao corpo)

Acobreada

Lycaena phlaeas

Ordem Lepidoptera · Família Lycaenidae

TAMANHO: Envergadura, 23-30 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África, Europa, Ásia, América do Norte

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Março - Novembro

HABITAT: Prados, terrenos abandonados, matos

OBSERVAÇÕES: Na Madeira existe a subespécie endémica *Lycaena phlaeas phlaeoides*



Azul-comum

Polyommatus icarus

Ordem Lepidoptera · Família Lycaenidae

TAMANHO: Envergadura, 28-36 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África, Europa, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Março - Outubro

HABITAT: prados, jardins, matos, clareiras de floresta

OBSERVAÇÕES: Macho na foto em cima, fêmea na foto de baixo





Nêspera

Coenonympha pamphilus

Ordem Lepidoptera · Família Nymphalidae

TAMANHO: Envergadura, 25-32 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África, Europa, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Março - Outubro

HABITAT: Vários tipos desde que possuam erva em abundância



Loba

Maniola jurtina

Ordem Lepidoptera · Família Nymphalidae

TAMANHO: Envergadura, 44-50 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África, Europa, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Março - Outubro

HABITAT: Todo o tipo de prados, matos e florestas

OBSERVAÇÕES: As fêmeas (à direita) são maiores. As asas dos machos são, na face superior, castanho-escuras



Malhadinha

Pararge aegeria

Ordem Lepidoptera · Família Nymphalidae

TAMANHO: Envergadura, 38-46 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África, Europa, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Prefere zonas de muita sombra, como por exemplo, matos densos, florestas e vegetação ribeirinha

OBSERVAÇÕES: Espécie muito territorial, raramente abandona o seu posto de observação

Almirante-vermelho

Vanessa atalanta

Ordem Lepidoptera · Família Nymphalidae

TAMANHO: Envergadura, 55-65 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Madeira, Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África, Europa, Ásia, América do Norte

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Prados e matos floridos, orlas de floresta

OBSERVAÇÕES: Espécie migradora



Bela-Dama

Vanessa cardui

Ordem Lepidoptera · Família Nymphalidae

TAMANHO: Envergadura, 55-70 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Madeira, Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Todo o mundo excepto América do Sul

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Março - Outubro

HABITAT: Vários tipos, embora evite as florestas

OBSERVAÇÕES: Espécie migradora



Borboleta-Zebra

Iphiclides feisthamelii

Ordem Lepidoptera · Família Papilionidae

TAMANHO: Envergadura, 55 -80 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África, Península Ibérica, Sul de França

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Fevereiro - Dezembro

HABITAT: Prados, matos, jardins

OBSERVAÇÕES: A lagarta alimenta-se de diversas árvores de fruto (pessegueiro, pereira...), pelo que os adultos desta espécie tendem a refugiar-se em zonas de pomar





Cauda-de-andorinha

Papilio machaon

Ordem Lepidoptera · Família Papilionidae

TAMANHO: Envergadura, 60-80 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África, Europa, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Fevereiro - Dezembro

HABITAT: Prados, encostas floridas, terrenos incultos, jardins



Maravilha

Colias croceus

Ordem Lepidoptera · Família Pieridae

TAMANHO: Envergadura, 45-55 mm

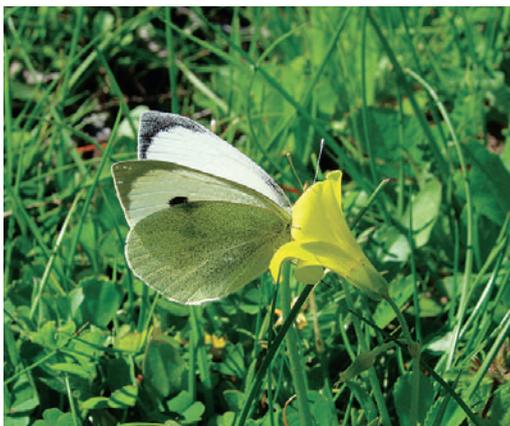
DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Madeira, Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África, Europa, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Campos de cultivo, prados floridos

OBSERVAÇÕES: Espécie migradora



Borboleta-da-couve

Pieris brassicae

Ordem Lepidoptera · Família Pieridae

TAMANHO: Envergadura, 55-65 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Norte de África, Europa, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Vários tipos, preferindo campos de cultivos e pradarias floridas

OBSERVAÇÕES: Nos Açores e Madeira existem duas subespécies endémicas, respectivamente, *Pieris brassicae azorensis* e *Pieris brassicae wollastoni*.

A subespécie Madeirense é muito rara e está em sério risco de extinção

Escaravelho-jóia-das-azedas

Capnodis tenebricosa

Ordem Coleoptera · Família Buprestidae

TAMANHO: 20-30 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Fevereiro - Julho

HABITAT: Prados floridos

OBSERVAÇÕES: As larvas vivem debaixo da terra e alimentam-se de raízes



Longuicornio-dos-cardos

Agapanthia cardui

Ordem Coleoptera · Família Cerambycidae

TAMANHO: 6-14 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Abril - Julho

HABITAT: Pradarias floridas

OBSERVAÇÕES: As longas antenas são características desta família de escaravelhos. Na foto, a espécie considerada é a que se encontra na parte superior da flor



Escaravelho-das-flores

Exosoma lusitanica

Ordem Coleoptera · Família Chrysomelidae

TAMANHO: 10-11 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica, Médio Oriente, Norte de África

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Março – Julho

HABITAT: Prados floridos





Escaravelho-dos-3-pontos

Lachnaia tristigma

Ordem Coleoptera · Família Chrysomelidae

TAMANHO: 8-10 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Península Ibérica, Sul de França, Norte África

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Maio – Julho

HABITAT: Prados floridos onde é comum vê-la sobre cardos



Escaravelho-soldado

Trichodes leucopsidius

Ordem Coleoptera · Família Cleridae

TAMANHO: 12-14 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica, Norte de África

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Primavera

HABITAT: Prados floridos

OBSERVAÇÕES: Os adultos alimentam-se dos pequenos insectos que visitam as flores; as larvas são parasitas de abelhas



Joaninha-dos-7-pontos

Coccinella septempunctata

Ordem Coleoptera · Família Coccinellidae

TAMANHO: 7-9 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Primavera

HABITAT: Vários tipos

OBSERVAÇÕES: Espécie emblemática do controle biológico: os adultos e as larvas alimentam-se de pulgões (insectos da ordem Homoptera), por isso a presença de joaninhas beneficia a agricultura

Cabra-loura

Lucanus cervus

Ordem Coleoptera · Família Lucanidae

TAMANHO: Até 8 cm (machos); até 4 cm (fêmeas)

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Norte de Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa e Médio Oriente

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Final da Primavera – início do Verão (os adultos só estão activos cerca de 1 mês por ano)

HABITAT: Bosques e florestas bem desenvolvidas

OBSERVAÇÕES: Espécie protegida pela legislação Europeia e nacional. É o maior escaravelho de Portugal. Apenas os machos (imagem de cima) têm poderosas mandíbulas; fêmea na foto em baixo



Milabris-dos-4-pontos

Mylabris quadripunctata

Ordem Coleoptera · Família Meloidae

TAMANHO: 16-18 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica, Ásia Ocidental

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Março - Junho

HABITAT: Prados floridos sobre as flores

OBSERVAÇÕES: As fêmeas são maiores (à esquerda na imagem)



Escaravelho-do-pescoço-vermelho

Heliotaurus ruficollis

Ordem Coleoptera · Família Tenebrionidae

TAMANHO: 12-16mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Península Ibérica

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Março – Junho

HABITAT: Vários tipos, incluindo jardins urbanos





Mosquito-tira-olhos

Tipula maxima

Ordem Diptera · Família Tipulidae

TAMANHO: Envergadura, 55-60 mm

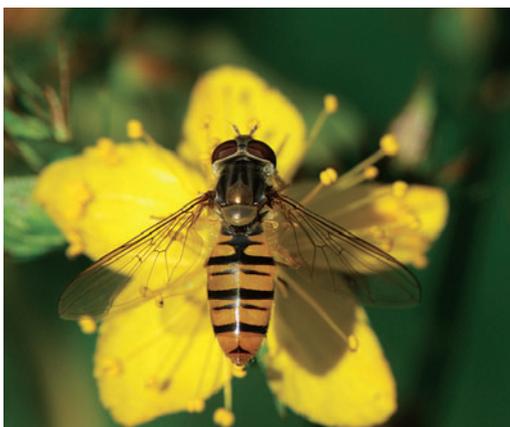
DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa Ocidental, Norte de África

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Maio - Setembro

HABITAT: Bosques e prados húmidos; comum ao pé de pequenos cursos de água

OBSERVAÇÕES: Repare na pequena estrutura em forma de fósforo (balancete), bem visível na imagem, logo atrás da asa anterior direita. Estas estruturas são características da Ordem Diptera e correspondem a uma transformação das asas posteriores



Mosca-das-flores-comum

Episyrphus balteatus

Ordem Diptera · Família Syrphidae

TAMANHO: 9-12 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Fevereiro - Novembro

HABITAT: Vários tipos incluindo jardins urbanos

OBSERVAÇÕES: Imita vespas e abelhas para afastar possíveis predadores, mas distingue-se destas pelos grandes olhos e por ter apenas um par de asas membranosas



Abelha-comum

Apis mellifera

Ordem Hymenoptera · Família Apidae

TAMANHO: 12-13 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa Ocidental. Introduzida em todo o mundo

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Prados floridos

OBSERVAÇÕES: Espécie social: reside em colónias em que todos os indivíduos são filhos da mesma mãe, a rainha. As abelhas foram domesticadas para a produção do mel

Vespa-do-papel

Polistes gallicus

Ordem Hymenoptera · Família Vespidae

TAMANHO: 16-19 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Ásia, Norte de África

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Vários tipos: matos, prados, bosques e jardins

OBSERVAÇÕES: Mastiga pedaços de madeira para construir o ninho



Abelhão-azul

Xylocopa violacea

Ordem Hymenoptera · Família Xylocopidae

TAMANHO: 25-30 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Sul da Europa

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Vários tipos: prados floridos e jardins urbanos

OBSERVAÇÕES: Espécie ruidosa e de grandes dimensões, fácil de observar em dias de sol a alimentar-se do néctar das flores



Formiga-das-mandíbulas-vermelhas

Formica rufibarbis

Ordem Hymenoptera · Família Formicidae

TAMANHO: 9-40 mm (fêmeas reprodutoras); 8-12 mm (machos); 4-7 mm (obreiras)

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano (fêmeas e machos reprodutores, com asas, em Junho e Julho)

HABITAT: Prados abertos e quentes, solos arenosos

OBSERVAÇÕES: Espécie social: reside em colónias em que todos os indivíduos são filhos da mesma mãe, a rainha. Na imagem pode ver-se uma obreira; as obreiras distinguem-se pela ausência de asas



ANFÍBIOS

Os anfíbios (rãs, sapos, salamandras, tritões...) são vertebrados que se caracterizam por terem a pele nua, húmida e sem escamas. São vulgarmente conhecidos por animais de “sangue frio”, ou seja, são animais que não controlam a temperatura corporal e utilizam fontes externas de energia, como os “banhos-de-sol” para manter essa temperatura (ectotérmicos).

A característica mais marcante comparativamente com outros vertebrados é que durante o seu ciclo de vida sofrem transformações no corpo, isto é, metamorfoses: por exemplo, na fase larvar a respiração é feita através de brânquias (como nos peixes), depois sofrem uma transformação e, na fase adulta, a respiração é feita por pulmões (como nos mamíferos). Em geral os anfíbios alimentam-se de insectos, aranhas e moluscos.

Em Portugal, os anfíbios podem ser observados em diferentes tipos de habitats, entre eles, áreas agrícolas,

zonas montanhosas, dunas costeiras, montados e bosques. Na época de reprodução, os anfíbios adultos encontram-se em meios aquáticos ou na sua proximidade.

A alteração e destruição de habitats, a poluição de cursos de água, a introdução de espécies exóticas, ou a perseguição e morte deliberadas, encontram-se entre as principais ameaças às populações de espécies de anfíbios.

Em Portugal existem 17 espécies diferentes de anfíbios: 6 urodelos (anfíbios dotados de cauda, como as salamandras e os tritões) e 11 anuros (anfíbios que não possuem cauda e possuem estrutura de esqueleto adaptada para locomoção aos saltos, como os sapos e as rãs). Algumas destas espécies de anfíbios são endémicas da Península Ibérica como é o caso da salamandra-lusitânica, tritão-de-ventre-laranja, sapo-parteiro-ibérico, rã-de-focinho-pontigudo e rã-ibérica.

Salamandra-de-pintas-amarelas

Salamandra salamandra

Ordem Caudata · Família Salamandridae

TAMANHO: Comprimento 14-17 cm (até 22 cm)

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, excepto Baixo Alentejo

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa Central e do Sul

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Outubro – Fevereiro.

Menos visível nos meses quentes

HABITAT: Zonas montanhosas húmidas e sombrias com elevada precipitação, bosques com ribeiros e charcos, lameiros, prados e zonas agrícolas

OBSERVAÇÕES: Visível somente à noite



Tritão-de-ventre-laranja

Triturus boscai (o mesmo que *Lissotriton boscai*)

Ordem Caudata · Família Salamandridae

TAMANHO: Comprimento 7-10 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, com distribuição fragmentada nas regiões do Sul

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Península Ibérica

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Diversos, desde que próximos de habitats aquáticos de água parada ou com pouca água corrente (linhas de água, charcos, lagoas, poços, barragens...)

OBSERVAÇÕES: Esta espécie é endémica da metade Oeste da Península Ibérica.

Apresenta cor laranja intensa no ventre





Tritão-marmorado

Triturus marmoratus

Ordem Caudata - Família Salamandridae

TAMANHO: Comprimento até 16 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, com distribuição fragmentada nas regiões do sul

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Península Ibérica, Sul de França

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano. Menos visível entre Dezembro e Janeiro e entre Julho e Agosto

HABITAT: Diversos, desde que próximos de habitats aquáticos de água parada ou com pouca corrente (linhas de água, charcos, lagoas, poços, barragens...)



Rela

Hyla arborea

Ordem Anura - Família Hylidae

TAMANHO: Comprimento 5 cm (até 6,5 cm)

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, excepto centro e leste do Alentejo e sotavento algarvio

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, excepto as zonas mais a Norte e as Ilhas Britânicas

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Fevereiro - Outubro

HABITAT: Zonas húmidas com vegetação abundante, geralmente perto de linhas de água, charcos e lagoas

OBSERVAÇÕES: Mais visível ao entardecer e de noite mas, em épocas húmidas, poderá ser observada durante o dia

Rela-meridional

Hyla meridionalis

Ordem Anura - Família Hylidae

TAMANHO: Comprimento 3,5-4,5 cm (até 5 cm)

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Centro e Sul de Portugal Continental, até à bacia do Mondego

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Sul da Europa, Norte de África

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Menos visível entre Dezembro e Janeiro e entre Julho e Agosto

HABITAT: Zonas húmidas com vegetação abundante, geralmente perto de linhas de água, charcos e lagoas

OBSERVAÇÕES: Mais visível ao entardecer e de noite mas, em épocas húmidas, poderá ser observada durante o dia



Rã-verde

Rana perezi (o mesmo que *Pelophylax perezi*)

Ordem Anura - Família Ranidae

TAMANHO: Comprimento 7,5 cm (até 10 cm)

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Península Ibérica, Sul de França

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Menos visível entre Dezembro e Janeiro

HABITAT: Habitats diversos, desde que próximos de habitats aquáticos (linhas de água, charcos, lagoas, barragens...)

OBSERVAÇÕES: Muito comum e facilmente observável durante o dia em vários habitats aquáticos



RÉPTEIS

Os répteis são vertebrados que não geram internamente a temperatura corporal necessária para funcionarem e, por isso, utilizam fontes externas de energia, como o “banho-de-sol”, para manter a temperatura (animais ectotérmicos).

A sua pele é seca e coberta por escamas, escudos ou placas duras e quase não possuem glândulas superficiais, o que lhes permite viver em ambientes secos. Estes animais não sofrem metamorfoses ao longo do seu desenvolvimento, mas alguns fazem mudas de pele periódicas. Os répteis alimentam-se de insectos, moluscos, larvas de anfíbios, crustáceos e até mesmo de pequenos peixes. Preferem áreas secas e expostas ao sol, onde podem alcançar uma temperatura corporal apropriada para se manterem activos. Assim, a maioria dos répteis de Portugal ocorre em bosques abertos, zonas de matos, áreas agrícolas

e sistemas dunares ou areais costeiros. Alguns dos principais factores que ameaçam as populações de répteis são a alteração ou destruição dos habitats, os incêndios, os repovoamentos florestais e a destruição de bosques ribeirinhos, urbanizações e infra-estruturas turísticas indiscriminadas, a introdução de espécies exóticas e os atropelamentos nas estradas. Em Portugal existem 30 espécies diferentes de répteis terrestres distribuídos por oito grupos, dos quais três se encontram representados neste guia por serem os mais comuns e de mais fácil observação: os lacertídeos, representados pelos lagartos e lagartixas; os geconídeos representados pela osga; e os colubrídeos representados pela cobra-de-água. Oito das espécies de répteis que ocorrem em Portugal, são endémicas da Península Ibérica.

Osga-comum

Tarentola mauritanica

Ordem Squamata · Família Gekkonidae

TAMANHO: Comprimento até 15 cm, incluindo a cauda

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, sendo pouco frequente na zona costeira a norte de Lisboa. Introduzida na Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Região Mediterrânica. Introduzida em diversas regiões do Mundo

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Menos visível em algumas regiões entre Novembro e Março

HABITAT: Zonas secas e quentes. Geralmente, ocorrem em superfícies verticais urbanas ou rurais (rochas, muros, habitações, troncos de árvores...)

OBSERVAÇÕES: Durante o Verão são mais visíveis ao entardecer e durante a noite



Sardão

Lacerta lepida (o mesmo que *Timon lepidus*)

Ordem Squamata · Família Lacertidae

TAMANHO: Comprimento cabeça-corpo até 30 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Península Ibérica, Sudoeste de França, Noroeste de Itália

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Março - Outubro

HABITAT: Areais costeiros, charnecas, bosques e matos e zonas agrícolas





Lagarto-de-água

Lacerta schreiberi

Ordem Squamata · Família Lacertidae

TAMANHO: Comprimento cabeça-corpo 12,5 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Distribuição praticamente contínua a Norte do rio Tejo, com alguns isolados populacionais no Centro e Sul

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Península Ibérica

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Março – Outubro

HABITAT: Zonas relativamente húmidas, junto de cursos de água com cobertura vegetal densa

OBSERVAÇÕES: Espécie endémica da região ocidental da Península Ibérica

Lagartixa-ibérica

Podarcis hispanica

Ordem Squamata · Família Lacertidae

TAMANHO: Comprimento cabeça-corpo até 7 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Península Ibérica, Sul de França, Norte de África

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Abril – Setembro

HABITAT: Diversos, geralmente com rochas e pedras. Prefere zonas abertas (carvalhais, sobreirais e olivais pouco densos), mas também zonas rurais ou urbanas

OBSERVAÇÕES: Durante o Verão mais visível nas horas de menor calor

Lagartixa-do-mato

Psammotromus algirus

Ordem Squamata · Família Lacertidae

TAMANHO: Comprimento cabeça-corpo até 9 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Península Ibérica,

Sul de França, Norte de África

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Abril - Setembro

HABITAT: Diverso, mas prefere pinhais com solo arenoso e matos densos

OBSERVAÇÕES: Mais visível nas horas de menor calor



Cobra-de-água-viperina

Natrix maura

Ordem Squamata · Família Colubridae

TAMANHO: Comprimento até 100 cm incluindo a cauda

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Sul da Europa, Norte de África

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano. Menos visível durante o Inverno

HABITAT: Diverso, ocorrendo junto a cursos de água, lagoas ou charcos, preferencialmente em bosques, zonas agrícolas e matos

OBSERVAÇÕES: Quando perturbada emite um cheiro pestilento



AVES

As aves são vertebrados com características distintas de adaptação ao voo como as asas, as penas, uma coluna vertebral modificada e ossos com espaços ocos, a par de uma elevada taxa metabólica e da capacidade de manutenção da temperatura corporal. Outras características desta classe são a especiação do bico e das patas de acordo com a alimentação e a capacidade de efectuarem migrações.

Para se reproduzirem, a maioria das aves constrói um ninho onde a fêmea põe os ovos, sendo estes incubados pelos progenitores até à sua eclosão.

Neste capítulo, apresentamos o comprimento e a envergadura como duas medidas úteis na identificação das aves: o comprimento é definido como a medida da ponta do bico à ponta da cauda; a envergadura é o comprimento desde a ponta de uma asa até à ponta da outra.

Em Portugal Continental, Açores e Madeira vivem mais de 400 espécies de aves, e dezenas de outras espécies

ocorrem no nosso território de forma esporádica. As aves habitam os mais diversos meios: jardins e parques urbanos, áreas agrícolas e florestais, bosques, matos e pastagens. Algumas espécies de aves, como as gaivotas ou os corvos-marinhos, surgem no litoral (mar e praias), utilizando, por vezes também, lagoas, lagos ou barragens do interior. As principais ameaças às aves no nosso país são a perda e degradação do habitat, a intensificação da agricultura e o abandono de zonas agrícolas, a construção de infra-estruturas como barragens, auto-estradas e linhas eléctricas aéreas, e a poluição. Acresce a estes factores, a perturbação humana que se manifesta de várias formas, nomeadamente, no abate ilegal de espécies, na caça ou na captura intencional e acidental de aves. A introdução de mamíferos e aves exóticas, e ainda de plantas exóticas invasoras, também constituem factores de ameaça.

Garça-real

Ardea cinerea

Ordem Ciconiiformes · Família Ardeidae

TAMANHO: Comprimento 84-102 cm; Envergadura 155-175 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, mais frequente no Centro e Sul

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, África (excepto Saara), Ásia Central e do Sul

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano, sobretudo no Inverno

HABITAT: Zonas húmidas interiores ou costeiras (estuários, lagoas costeiras, albufeira, açudes e cursos de água)



Gegonha-branca

Ciconia ciconia

Ordem Ciconiiformes · Família Ciconiidae

TAMANHO: Comprimento 95-110 cm; Envergadura 173-205 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental; mais frequente no Sul e na Beira Baixa; ausente no noroeste

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Médio Oriente, Ásia central

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano, sobretudo na Primavera e Verão

HABITAT: Zonas agrícolas, pastagens, arrozais, pequenos açudes, charcas e aterros sanitários





Pato-real

Anas platyrhynchos

Ordem Anseriformes - Família Anatidae

TAMANHO: Comprimento 50-60 cm; Envergadura 31-95 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, com distribuição descontínua no interior, a norte do Tejo; Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Hemisfério Norte. Introduzida na Austrália e Nova Zelândia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Zonas húmidas com águas paradas ou caudal lento (ribeiras, rios, paus, lagoas, barragens...)

OBSERVAÇÕES: Macho mais colorido (foto acima) do que a fêmea que é acastanhada (foto abaixo)



Águia-de-asa-redonda

Buteo buteo

Ordem Accipitriformes - Família Accipitridae

TAMANHO: Comprimento 46-58 cm; Envergadura 110-132 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Médio Oriente, Ásia central e oriental. Inverna na África oriental, Sul da Ásia.

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Habitats diversos, nidificando geralmente em áreas arborizadas, com áreas abertas

Peneireiro

Falco tinnunculus

Ordem Falconiformes · Família Falconidae

TAMANHO: Comprimento 31-37 cm;

Envergadura 68-78 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, África (excepto Saara),
Médio Oriente, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Zonas agrícolas, pastagens, matos dispersos,
áreas arborizadas pouco densas e zonas urbanas



Perdiz-comum

Alectoris rufa

Ordem Galliformes · Família Phasianidae

TAMANHO: Comprimento 32-35 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental (com
distribuição descontínua no litoral a norte do Tejo).

Introduzida nos Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Sudoeste da Europa. Introduzida
no Reino Unido e Macaronésia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Zonas agrícolas de sequeiro, pastagens e
matos dispersos



Galinha-d'água

Gallinula chloropus

Ordem Gruiformes · Família Rallidae

TAMANHO: Comprimento 27-31 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, com
distribuição descontínua no interior Centro e Norte;
Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, África, Américas, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Zonas húmidas de água doce com águas
paradas ou caudal lento (ribeiras, rios, charcas, lagoas,
açudes...)





Pombo-das-rochas

Columba livia

Ordem Columbiformes · Família Columbidae

TAMANHO: Comprimento 29-35 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Todos os continentes, excepto nas regiões polares. Pouco frequente na América do Sul e África

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Zonas urbanas e agrícolas, nidificando geralmente em edificações humanas e escarpas



Rola-turca

Streptopelia decaocto

Ordem Columbiformes · Família Columbidae

TAMANHO: Comprimento 31-34 cm;

Envergadura 48-56 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, mas mais abundante no litoral

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Nordeste de África, Médio Oriente, Sul da Ásia. Primeiros indivíduos presentes na Europa possivelmente introduzidos

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Áreas urbanas, parques e jardins, zonas agrícolas com pequenos bosques



Coruja-das-torres

Tyto alba

Ordem Strigiformes · Família Tytonidae

TAMANHO: Comprimento 33-39 cm; Envergadura 80-95 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental (com distribuição descontínua no Norte), Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Todos os continentes, excepto Antárctica

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Zonas agrícolas, áreas urbanas e zonas florestais pouco densas

Abelharuco

Merops apiaster

Ordem Coraciiformes · Família Meropidae

TAMANHO: Comprimento 25-29 cm; Envergadura 36-40 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, excepto litoral centro e norte

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, África, Médio Oriente, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Primavera - Verão

HABITAT: Áreas de relevo pouco acentuado, bosques pouco densos, matos e pastagens



Poupa

Upupa epops

Ordem Coraciiformes · Família Upupidae

TAMANHO: Comprimento 25-29 cm; Envergadura 44-48 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Madeira (Porto Santo)

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, África, Médio Oriente, Sul e Centro da Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Primavera - Verão; no sul, ocorre todo o ano

HABITAT: Bosques pouco densos e zonas agrícolas associadas a matos dispersos



Andorinha-das-chaminés

Hirundo rustica

Ordem Passeriformes · Família Hirundinidae

TAMANHO: Comprimento 17-21 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Hemisfério Norte

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Primavera - Verão

HABITAT: Habitats diversos com preferência por zonas agrícolas





Andorinha-dos-beirais

Delichon urbicum

Ordem Passeriformes · Família Hirundinidae

TAMANHO: Comprimento 13,5-15 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Médio Oriente, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Primavera - Verão

HABITAT: Zonas urbanas e agrícolas, provavelmente com preferência perto de zonas húmidas



Alvéola-branca

Motacilla alba

Ordem Passeriformes · Família Motacillidae

TAMANHO: Comprimento 16,5-19 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, mas mais escassa a Sul do Tejo

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Ásia, parte do Ártico

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Zonas agrícolas e urbanas, geralmente próximas de água (rios, ribeiras, albufeiras...) com alguma vegetação



Cariça

Troglodytes troglodytes

Ordem Passeriformes · Família Troglodytidae

TAMANHO: Comprimento 9-10,5 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Hemisfério Norte

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Bosques e matos densos, parques e jardins, ocorrendo em menor abundância noutros habitats

Cartaxo-comum

Saxicola torquatus

Ordem Passeriformes · Família Turdidade

TAMANHO: Comprimento 11,5-13 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, África, Médio Oriente e Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Zonas agrícolas (pomares, hortas...), matos baixos, prados, orlas de bosques



Pisco-de-peito-ruivo

Erithacus rubecula

Ordem Passeriformes · Família Turdidae

TAMANHO: Comprimento 12,5-14 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, com distribuição descontínua a sul do Tejo; Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Médio Oriente, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano, sobretudo no Inverno

HABITAT: Bosques e matos densos, outras zonas arborizadas, parques e jardins



Rouxinol-comum

Luscinia megarhynchos

Ordem Passeriformes · Família Turdidae

TAMANHO: Comprimento 15-16,5 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental com distribuição descontínua no litoral Norte e Centro

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Médio Oriente, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Primavera - Verão

HABITAT: Vegetação ribeirinha das margens de rios e ribeiros, mas também bosques e matos densos





Melro-preto

Turdus merula

Ordem Passeriformes · Família Turdidae

TAMANHO: Comprimento 23,5-29 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Médio Oriente, Sul da Ásia Introduzida na Austrália e Nova Zelândia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Habitats diversos, como pequenos bosques, matos, zonas agrícolas (pomares, hortas) e urbanas (parques e jardins)



Toutinegra-de-barrete

Sylvia atricapilla

Ordem Passeriformes · Família Sylviidae

TAMANHO: Comprimento 13.5-15 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, excepto interior do Baixo Alentejo; Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África e Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano, sobretudo no Inverno

HABITAT: Bosques, matos densos, zonas arborizadas e jardins, desde que tenha locais frescos e húmidos



Chapim-azul

Parus caeruleus

Ordem Passeriformes · Família Paridae

TAMANHO: Comprimento 10.5-12 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Bosques, matos densos e todo o tipo de zonas arborizadas, incluindo pomares e jardins

Chapim-real

Parus major

Ordem Passeriformes · Família Paridae

TAMANHO: Comprimento 13,5-15 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Médio Oriente, Centro e Sul da Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Zonas florestais, bosques, matos densos e todo o tipo de zonas arborizadas, incluindo pomares e jardins



Trepadeira

Certhia brachydactyla

Ordem Passeriformes · Família Certhiidae

TAMANHO: Comprimento 12-13.5 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa Ocidental, Norte de África, Balcãs, Turquia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Zonas florestais, bosques e outras zonas arborizadas, incluindo pomares e jardins



Gaio

Garrulus glandarius

Ordem Passeriformes · Família Corvidae

TAMANHO: Comprimento 32-35 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Médio Oriente, Centro e Sul da Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Habitats diversos, como bosques e matos, zonas agrícolas, florestais e urbanas





Estominho-preto

Sturnus unicolor

Ordem Passeriformes · Família Sturnidae

TAMANHO: Comprimento 19-22 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Mediterrâneo Ocidental
(Sudoeste da Europa, Noroeste de África)

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Habitats diversos, favorecendo zonas mistas de bosques e áreas abertas, também em zonas urbanas



Pardal

Passer domesticus

Ordem Passeriformes · Família Passeridae

TAMANHO: Comprimento 14-16 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Todos os continentes, sobretudo Europa, Norte de África, Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Habitats diversos, desde que associados à presença humana, em zonas urbanas e agrícolas



Tentilhão

Fringilla coelebs

Ordem Passeriformes · Família Fringillidae

TAMANHO: Comprimento 14-16 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Médio Oriente, Centro e Sul da Ásia. Introduzido na Nova Zelândia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Grande variedade de zonas arborizadas, incluindo florestas, bosques, matos densos, com frequência associados a zonas abertas, e ainda pomares e parques

Milheirinha

Serinus serinus

ORDEM PASSERIFORMES · FAMÍLIA FRINGILLIDAE

TAMANHO: Comprimento 11-12 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Médio Oriente

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Bosques e matos dispersos, zonas florestais e agrícolas arborizadas, parques e jardins



Verdilhão

Carduelis chloris

Ordem Passeriformes · Família Fringillidae

TAMANHO: Comprimento 14-16 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores (introduzida), Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Médio Oriente, Sul da Ásia. Introduzida em diversas regiões do Mundo

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Zonas mistas arborizadas e abertas, quer em zonas agrícolas ou urbanas, desde que tenha árvores



Pintassilgo

Carduelis carduelis

Ordem Passeriformes · Família Fringillidae

TAMANHO: Comprimento 12-13.5 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, com distribuição descontínua no Noroeste; Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Médio Oriente, Ásia. Introduzida em diversas regiões do Mundo

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Zonas mistas arborizadas e abertas, quer em zonas florestais, agrícolas ou urbanas, incluindo pomares e jardins





Corvo-marinho

Phalacrocorax carbo

Ordem Pelecaniformes - Família Phalacrocoracidae

TAMANHO: Comprimento 77-94 cm; Envergadura 121-149 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, sendo mais abundante junto ao litoral

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Sobreretudo na Europa, África, Ásia, Oceânia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Outono – Inverno

HABITAT: Ave aquática. Habita zonas húmidas costeiras (estuários, lagoas, salinas), bem como rios, ribeiras, albufeiras...



Rola-do-mar

Arenaria interpres

Ordem Charadriiformes - Família Scolopacidae

TAMANHO: Comprimento 21-24 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira, exclusivamente no litoral

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Todos os continentes, nidificando apenas no Hemisfério Norte

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano, especialmente no Outono e Inverno

HABITAT: Ave aquática. Habita orlas costeiras, sobretudo rochosas, mas também praias arenosas, ocorrendo ainda no interior dos principais estuários



Pilrito-das-praias

Calidris alba

Ordem Charadriiformes - Família Scolopacidae

TAMANHO: Comprimento 18-21 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores e Madeira, quase exclusivamente no litoral

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Todos os continentes, nidificando apenas nas regiões polares do Hemisfério Norte

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano, especialmente no Outono e Inverno

HABITAT: Ave aquática. Habita orlas costeiras, sobretudo arenosas, mas também zonas rochosas planas e ocorre ainda no interior de alguns estuários

Gaivota-de-asa-escura

Larus fuscus

Ordem Charadriiformes - Família Laridae

TAMANHO: Comprimento 48-56 cm; Envergadura 117-134 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, sobretudo no litoral, mas também em algumas zonas do interior

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa (onde nidifica), e costas do Mediterrâneo, África ocidental e oriental, Médio Oriente

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano, especialmente no Outono e Inverno

HABITAT: Ave aquática. Surge no litoral, no mar, em estuários e lagoas. No interior pode aparecer em albufeiras e nos aterros sanitários



Gaivota-de-patas-amarelas

Larus michahellis

Ordem Charadriiformes - Família Laridae

TAMANHO: Comprimento 52-58 cm; Envergadura 120-140 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Sudoeste da Europa, Noroeste de África, Mediterrâneo

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano, especialmente no Outono e Inverno

HABITAT: Ave aquática. Encontra-se no litoral, sobretudo mar e praias, mas também em estuários, lagoas e aterros sanitários. Ocasionalmente no interior do país



MAMÍFEROS

Os mamíferos incluem espécies tão diversas como as baleias, os ursos e os ratos. Têm glândulas mamárias com capacidade de produção de leite, que serve de alimento às crias. Estes vertebrados caracterizam-se também pela capacidade de manterem a temperatura corporal (homeotermia), por terem o corpo coberto de pêlos e um cérebro desenvolvido. Existem espécies de mamíferos com adaptações a ambientes particulares, tais como a ecolocação dos golfinhos, as adaptações ao voo dos morcegos e as adaptações ao meio aquático dos mamíferos marinhos.

Em Portugal Continental, Açores e Madeira ocorrem 104 espécies de mamíferos, das quais 24% têm estatuto de ameaça. Os carnívoros incluem espécies com uma distribuição continental generalizada como a raposa e a lontra, bem como espécies com uma distribuição limitada a determinada área geográfica, como o lobo ou a marta. Uma espécie de mamífero particularmente importante nos ecossistemas mediterrânicos é o coelho-bravo,

uma vez que serve de alimento a mais de 40 espécies de predadores, sendo a principal presa de espécies em vias de extinção como o lince-ibérico e a águia-imperial. Em relação aos morcegos, é de notar que ocorrem 26 espécies no nosso país, que procuram abrigo em locais como grutas, minas, fendas de rochas e cavidades de árvores, mas também edifícios antigos ou candeeiros.

Dos factores de ameaça, destacam-se, no caso dos carnívoros, a destruição, fragmentação e degradação do habitat, a intensificação e o abandono agrícola, a mortalidade acidental ou deliberada e a escassez de presas. Em relação aos morcegos a conservação depende sobretudo da conservação de habitats, bem como da disponibilidade de locais de abrigo. Finalmente, a distribuição e abundância do coelho-bravo tem vindo a reduzir-se nas últimas décadas, devido a doenças como a mixomatose e a doença hemorrágica viral, a que acresce caça excessiva e a perda e degradação de habitat.

Ouriço-cacheiro

Erinaceus europaeus

Ordem Erinaceomorpha · Família Erinaceidae

TAMANHO: Corpo 190-290 mm; cauda 22-40 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental;
introduzida nos Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Quase toda a Europa Central
e Ocidental e Norte da Rússia. Introduzida na Nova
Zelândia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano mas menos frequente
nos meses frios

HABITAT: Bosques e matos, zonas agrícolas e florestais,
jardins

OBSERVAÇÕES: Dejectos com 3 cm comprimento, de cor
negra brilhante devido às “carapaças” dos insectos
que consome



Toupeira

Talpa occidentalis

Ordem Soricomorpha · Família Talpidae

TAMANHO: Corpo 96-130 mm; cauda 19-35 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Sudoeste da Península Ibérica

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Zonas de solos móveis em bosques e matos,
zonas agrícolas e florestais, jardins

OBSERVAÇÕES: Espécie endémica do Sudoeste da
Península Ibérica. Ao escavar os túneis, acumula
montes de terra à superfície do solo (“montes
de toupeira”)





Morcego-anão

Pipistrellus pipistrellus

Ordem Chiroptera · Família Vespertilionidae

TAMANHO: Corpo 43 mm; cauda 29 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Médio Oriente, Norte de África e Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Primavera, Verão e início de Outono. No fim do Outono e Inverno, têm actividade reduzida

HABITAT: Muito comum em zonas húmidas e urbanas. Abriga-se em pequenas fissuras em edifícios, mas também em rochas e cavidades de árvores.

OBSERVAÇÕES: Os machos são solitários e as fêmeas vivem juntas (gregárias), particularmente durante o período reprodutor



Coelho-bravo

Oryctolagus cuniculus

Ordem Lagomorpha · Família Leporidae

TAMANHO: Corpo 35- 40 cm; cauda 8 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental; introduzida nos Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Península Ibérica e Norte de África. Introduzida em diversas regiões do Mundo.

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Bosques e matos, zonas agrícolas e florestais, sapais.

OBSERVAÇÕES: Escava tocas, e faz dejectos arredondados castanho-esverdeados (isolados ou em latrina) e esgravatadas no solo. É considerada uma praga em vários países (por exemplo, na Austrália, onde foi introduzida)

Ratinho-do-campo

Apodemus sylvaticus

Ordem Rodentia · Família Muridae

TAMANHO: Corpo 77-111 mm; cauda 78-114 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Médio Oriente e Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Bosques e matos, zonas agrícolas e florestais, preferindo zonas marginais de locais com boa cobertura arbórea e arbustiva

OBSERVAÇÕES: Escava túneis subterrâneos onde constrói os ninhos e usa “caminhos” à superfície, entre a vegetação, que podem ser identificados



Ratinho-ruivo

Mus spretus

Ordem Rodentia · Família Muridae

TAMANHO: Corpo 75-94 mm; cauda 60-77 mm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Península Ibérica, sul de França e Norte de África

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Ambientes secos e espaços abertos, áreas de matos baixos, ambientes rochosos com vegetação herbácea e zonas de sequeiro

OBSERVAÇÕES: Ao contrário de *Mus musculus*, evita estar na proximidade de humanos ou das suas actividades (agricultura, por exemplo)





Raposa

Vulpes vulpes

Ordem Carnívora - Família Canidae

TAMANHO: Corpo 50-80 cm; cauda 32-48 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África, Médio Oriente, Ásia e América do Norte

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Habitats diversos, tanto em meios florestais como abertos e incluindo zonas sub-urbanas

OBSERVAÇÕES: Dejectos com 7-10 cm por 2,5 cm; pegadas com 5,5 cm por 4 cm



Lontra

Lutra lutra

Ordem Carnívora - Família Mustelidae

TAMANHO: Corpo 59-75 cm; cauda 35-49 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África e Ásia

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Linhas de água, estuários, barragens e áreas litorais

OBSERVAÇÕES: Dejectos com 2-6 cm por 1,5 cm (com restos de peixe e/ou de lagostim) mas frequentemente sem forma definida (ver foto em baixo); pegadas com 6 cm por 6 cm (anteriores) e 8 cm por 6 cm (posteriores)



Sacarrabos

Herpestes ichneumon

Ordem Carnivora · Família Viverridae

TAMANHO: Corpo 46-54 cm; cauda 36-45 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental na sequência de um processo rápido de expansão sul-norte na última década

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Península Ibérica, África e Médio Oriente.

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Zonas de vegetação densa em áreas agrícolas ou florestais, pastagens, bosques e matos, vegetação ribeirinha densa

OBSERVAÇÕES: Dejectos com 8-9 cm por 2 cm; pegadas com 3,5 cm por 3 cm



Javali

Sus scrofa

Ordem Artiodactyla · Família Suidae

TAMANHO: Corpo 118-148 cm; cauda 13-24 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Europa, Norte de África e Sul da Ásia. Introduzido em diversas regiões do Mundo

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Bosques e matos, zonas agrícolas e florestais

OBSERVAÇÕES: Dimorfismo sexual acentuado; dejectos acastanhados com forma oval; pegadas com 4,5-6 cm; fazem "banheiras de lama" e removem o solo com o focinho ("fossados"), deixando marcas de presença bem evidentes



A OBSERVAR NA PRAIA

A natureza das comunidades que habitam a zona litoral depende de factores físicos tais como a luz, a temperatura, o hidrodinamismo (agitação da água), a pressão e a natureza do substrato, que pode ser rígido (rochoso) ou móvel (por ex. arenoso, vasoso). Estas comunidades incluem diversos organismos, desde peixes, moluscos (p.ex. o mexilhão e a lapa) e equinodermes (p.ex. o ouriço-do-mar e a estrela-do-mar), a artrópodes, como o caranguejo e o camarão. Para além de animais, este habitat inclui algas marinhas, as algas verdes (Clorofíceas), as algas castanhas (Feofíceas) e as algas vermelhas (Rodofíceas).

A zona de marés (também designada de intertidal) é a zona delimitada pelo nível do mar entre a baixa-mar (limite mínimo do nível do mar, na maré baixa) e a preia-mar (limite máximo do nível do mar, na maré alta).

A zonação dos organismos na zona de marés, ou seja, a sua disposição em zonas sensivelmente paralelas ao mar (andares), ocorre em função da sua tolerância à exposição ao ar e aos efeitos da radiação solar.

O supralitoral é a zona de transição para o meio terrestre, que raramente

fica coberta por água. É aqui que ocorrem os primeiros povoamentos marinhos, sujeitos sobretudo à influência das gotículas de água, uma vez que raramente é coberta pelo mar, apresentando uma menor diversidade de seres vivos.

O mediolitoral é o andar que se encontra totalmente inserido na zona de marés.

O infralitoral começa no limite inferior do mediolitoral e vai até à profundidade onde existem algas fotófilas (algas que precisam de luz), o que na costa portuguesa se situa entre os 20 e os 24 m de profundidade.

Na zona de marés com substrato rochoso podemos encontrar organismos sésseis (que vivem fixos ao substrato), tais como cracas, esponjas, anémonas, e organismos móveis, tais como ouriços, caranguejos e camarões. Nas zonas de substrato móvel os organismos são móveis e enterram-se no sedimento (endofauna).

Junto às praias surgem por vezes dunas, que são depósitos de areia criados por processos eólicos (sob influência do vento) e que apresentam uma vegetação muito característica.

Cravo-das-areias

Armeria pungens

Classe Eudicotiledonea · Família Plumbaginaceae

TAMANHO: Subarbusto compacto até 25 cm de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Regiões costeiras a Sul do Rio Tejo

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Sudoeste da Península Ibérica, Córsega, Sardenha

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Março – Maio

HABITAT: Dunas marítimas e dunas sobre arribas



Estorno

Ammophila arenaria

Classe Monocotiledonea · Família Poaceae

TAMANHO: Erva com um caule subterrâneo (rizoma), até 1,2 m de altura

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Todo o litoral de Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Litoral da Europa

ÉPOCA DE FLORAÇÃO: Maio – Julho

HABITAT: Dunas e areias litorais

OBSERVAÇÕES: Principal planta fixadora das areias para a formação das dunas



Bodelha

Fucus vesiculosus

Ordem Fucales · Família Fucaceae

TAMANHO: Fronde (toda a alga, excepto o órgão de fixação) 15-100 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Atlântico, Canal da Mancha, Mar do Norte, Báltico

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Sobre a rocha, na porção de costa sujeita às variações diárias dos níveis de maré (intertidal médio), excepto em locais muito expostos ao sol





Alface-do-mar

Ulva lactuca

Ordem Ulvales · Família Ulvaceae

TAMANHO: Fronde (toda a alga, excepto o órgão de fixação) 15-50 cm

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Portugal Continental, Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Mediterrâneo, Atlântico, Canal da Mancha, Mar do Norte e Báltico

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Sobre a rocha, às vezes em poças, na porção de costa sujeita às variações diárias dos níveis de maré (intertidal inferior) e infralitoral



Coralina-careuada

Corallina elongata

Ordem Corallinales · Família Corallinaceae

TAMANHO: Fronde (toda a alga, excepto o órgão de fixação) até 8 cm

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Portugal Continental, Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Mediterrâneo e Atlântico, até Canal da Mancha

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Sobre rocha e em poças; na porção de costa sujeita às variações diárias dos níveis de maré (intertidal médio, inferior) e infralitoral

Limo-da-seda

Gelidium sesquipedale

Ordem Gelidiales · Família Gelidiaceae

TAMANHO: Fronde (toda a alga, excepto o órgão de fixação) até 20 cm

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Portugal Continental e Açores

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Mediterrâneo e Atlântico, até ao

Sudeste de Inglaterra

HABITAT: Sobre a rocha, às vezes em poças, na porção de costa sujeita às variações diárias dos níveis de maré (intertidal inferior) e infralitoral



Anémone-do-mar

Anemonia sulcata

Ordem Actiniaria · Família Actiniidae

TAMANHO: Altura 10-12 cm; animal com tentáculos longos e não retrácteis

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Mediterrâneo, Atlântico norte até ao Oeste da Escócia, Canal da Mancha

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Sobre a rocha, na porção de costa sujeita às variações diárias dos níveis de maré (intertidal inferior) e infralitoral





Morango-do-mar

Actinia equina

Ordem Actiniaria · Família Actiniidae

TAMANHO: Altura 3-4 cm; animal com tentáculos curtos e retrácteis

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Mediterrâneo, Atlântico, Canal da Mancha, Mar do Norte

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Sobre a rocha, na porção de costa sujeita às variações diárias dos níveis de maré (intertidal médio e inferior) e infralitoral



Estrela-do-mar-de-espinhos

Marthasterias glacialis

Ordem Forcipulatida · Família Asteroiidae

TAMANHO: Diâmetro 30-80 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Mediterrâneo, Atlântico, Canal da Mancha e Mar do Norte

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Substrato rochoso, intertidal inferior e infralitoral

Ouriço-do-mar

Paracentrotus lividus

Ordem Echinoida · Família Echinidae

TAMANHO: Diâmetro da carapaça 6 cm; Comprimento dos espinhos 3 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Mediterrâneo e Atlântico, até ao Canal da Mancha

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Sobre a rocha, na porção de costa sujeita às variações diárias dos níveis de maré (intertidal inferior) e infralitoral



Caramujo

Monodonta lineata

Ordem Archaeogastropoda · Família Trochidae

TAMANHO: Altura e diâmetro 2,5 cm; Voltas 6 (mal-definidas)

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Atlântico, até ao Canal da Mancha

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Sobre a rocha, na porção de costa sujeita às variações diárias dos níveis de maré (intertidal médio)



Lapa

Patella intermedia (o mesmo que *Patella depressa*)

Ordem Archaeogastropoda · Família Patellidae

TAMANHO: Comprimento da concha até 3 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Atlântico, até ao Canal da Mancha

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Sobre a rocha, na porção de costa sujeita às variações diárias dos níveis de maré (intertidal médio e inferior)





Mexilhão

Mytilus galloprovincialis

Ordem Mytiloidea · Família Mytilidae

TAMANHO: Comprimento concha de 12 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Mediterrâneo e Atlântico, até ao Canal da Mancha. Actualmente introduzida em diversas partes do Mundo

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Sobre pedras e rochas, na porção de costa sujeita às variações diárias dos níveis de maré (intertidal médio e inferior) e infralitoral



Polvo vulgar

Octopus vulgaris

Ordem Octopoda · Família Octopodidae

TAMANHO: Comprimento 60-100 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Mediterrâneo e Atlântico, até ao Canal da Mancha

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Entre pedras e rochas, frequentemente num buraco



Craca

Chthamalus montagui

Ordem Sessilia · Família Chthamalidae

TAMANHO: Diâmetro concha 1,2 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Mediterrâneo, Atlântico e Canal da Mancha

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Sobre a rocha, na porção de costa sujeita às variações diárias dos níveis de maré (intertidal médio e inferior)

Camarão-comum · Camarão-branco-legítimo

Palaemon serratus

Ordem Decapoda · Família Palaemonidae

TAMANHO: Comprimento até 10 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores e Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Mediterrâneo, Atlântico, Canal da Mancha e Mar Negro

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Em poças, entre algas; na porção de costa sujeita às variações diárias dos níveis de maré (intertidal inferior) e infralitoral



Caranguejo

Pachygrapsus marmoratus

Ordem Decapoda · Família Grapsidae

TAMANHO: Largura 3-4 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Mediterrâneo e Atlântico adjacente

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Em fendas e grutas, na porção de costa sujeita às variações diárias dos níveis de maré (intertidal) e infralitoral



Caboz

Gobius paganellus

Ordem Perciformes · Família Gobiidae

TAMANHO: Comprimento até 15 cm

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL: Portugal Continental, Açores, Madeira

DISTRIBUIÇÃO MUNDIAL: Mediterrâneo e Atlântico, até à Irlanda, Escócia e Canal da Mancha, Índico

ÉPOCA DE OBSERVAÇÃO: Todo o ano

HABITAT: Nas poças, entre as algas, na porção de costa sujeita às variações diárias dos níveis de maré (intertidal inferior) e infralitoral



BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALMEIDA, N. F., ALMEIDA, P. F., GONÇALVES, H., SEQUEIRA, F., TEIXEIRA, J. & F. F. ALMEIDA 2001. *Guia FAPAS dos Anfíbios e Répteis de Portugal*. FAPAS e Câmara Municipal. Porto
- BARBADILLO ESCRIBA, L.J. 1987. *La guía de INCAFO de los anfibios y reptiles de la Peninsula Iberica, Islas Baleares y Canarias*. INCAFO. Madrid. España
- BINGRE, P., AGUIAR, C., ESPÍRITO-SANTO, D., ARSÉNIO, P. & T. MONTEIRO-HENRIQUES [Coord.s Cient.] 2007. *Guia de Campo – As árvores e arbustos de Portugal continental* in vol. IX dea SANDE SILVA, J. [Coord. Ed.] 2007. *Colecção Árvores e Florestas de Portugal* (9 vols) Jornal Público, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Liga para a Protecção da Natureza. Lisboa
- BLAMEY, M. & C. GREY-WILSON 2005. *Wild Flowers of the Mediterranean*. A & C Black. London. United Kingdom
- BRUUN B., DELIN H. & L. SVENSSON 1995. *Aves de Portugal e Europa*. Câmara Municipal do Porto – Pelouro do Ambiente, FAPAS – Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens. Porto
- CABRAL, M.J. (coord.), J. ALMEIDA, P.R. ALMEIDA, T. DELLINGER, N. FERRAND DE ALMEIDA, M.E. OLIVEIRA, J.M. PALMEIRIM, A.I. QUEIROZ, L. ROGADO & M. SANTOS-REIS (Eds.) 2005. *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza. Lisboa
- CAMPBELL, A. 1994. *Fauna e Flora do Litoral*. Guias FAPAS. FAPAS e Parque EXPO 98. Porto
- CASTROVIEJO, S. (Coord. Geral) *Flora Ibérica*. Vol. I (1986), Vol. II (1990), Vol. III (1993), Vol. IV (1993), Vol. V (1997), Vol. VI (1998), Vol. VII(I) (1999), (2000), Vol. VIII (1997), Vol. XV (2007), Vol. XVIII (2007), Vol. XXI (2005). Real Jardín Botánico. Madrid. España
- CHINERY, M. 1988. *Guía de Campo de los Insectos de España y de Europa*. Ediciones Omega, S.A. Barcelona. España
- DUJKSTRA, K-D. & R. LEWINGTON 2006. *Field Guide to the Dragonflies of Britain and Europe*. British Wildlife Publishing. Dorset. United Kingdom
- EQUIPA ATLAS 2008. *ATLAS DAS AVES NIDIFICANTES EM PORTUGAL* (1999-2005). Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade, Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, Parque Natural da Madeira e Secretaria Regional do Ambiente e do Mar. Assírio & Alvim. Lisboa
- FERREIRA M. & E. G. CRESPO 2003. Sobre a conservação dos anfíbios em Portugal. *Munibe*, 16: 74-89.
- FRANCO J. DO AMARAL & M. L. ROCHA AFONSO. *Nova Flora de Portugal*. Vol. III, Fasc. I (1994), Fasc. II (1998), Fasc. III (2003). Escolar Editora. Lisboa
- FRANCO, J. DO AMARAL. *Nova Flora de Portugal*. Vol. I (1971), Vol. II (1984). Lisboa
- LERAUT, P. 2003. *Le guide entomologique*. Delachaux et Niestlé. Paris, France
- LOPEZ-GONZALEZ, G. 1982. *La guía de INCAFO de los arboles e arbustos de la Peninsula Ibérica*. INCAFO, Madrid, España
- LOUREIRO A., FERRAND DE ALMEIDA N., CARRETERO M. A. & O. S. PAULO 2008. *Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade. Lisboa
- MACDONALD D. & P. BARRET 1993. *Mamíferos de Portugal e Europa*. Guias Fapas. Porto
- MARAVALHAS, E. 2003. *As borboletas de Portugal*. Vento Norte. Porto
- MARCHANTE E., FREITAS H. & H. MARCHANTE 2009. *Guia Prático para a Identificação de Plantas Invasoras de Portugal Continental*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra
- MATHIAS, M.L. (COORD.) 1999. *Mamíferos Terrestres de Portugal Continental, Açores e Madeira*. Instituto para a Conservação da Natureza. Lisboa
- MINISTÉRIO DO AMBIENTE E DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO 2001. *Estratégia Nacional de Conservação da Natureza e da Biodiversidade*. Lisboa.
- MULLARNEY K., SVENSSON L., ZETTERSTRÖM D. & P. J. GRANT 2003. *GUIA DE AVES*. ASSÍRIO & ALVIM. LISBOA
- OLIVEIRA M. E. & E. G. CRESPO 1989. *Atlas de distribuição dos Anfíbios e Répteis de Portugal Continental*. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Lisboa
- ROCHA F. 1996. *Nomes vulgares de plantas existentes em Portugal*. Direcção Geral de Protecção das Culturas. Lisboa
- SALDANHA L. 1995. *Fauna submarina atlântica*. Publicações Europa-América. 3ª Edição. Lisboa
- SÉRGIO, C., CARVALHO, P. & C. GARCIA 2009. *Guia de campo dos briófitos e líquenes das florestas portuguesas*. Jardim Botânico, Museu Nacional de História Natural. Lisboa
- UNIÃO EUROPEIA, COMISSÃO EUROPEIA 2010. *Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Comité Económico e Social e ao Comité das Regiões: opções para uma visão e um objectivo pós-2010 da UE em matéria de biodiversidade*. Bruxelas. Bélgica
- WILSON, E. O. 2007. *A criação. Um apelo para salvar a vida na Terra*. Gradiva – Publicações LDA. Lisboa
- VIÉ, J.-C., HILTON-TAYLOR, C. & S. N. STUART (Eds.) 2009. *Wildlife in a Changing World – An Analysis of the 2008 IUCN Red List of Threatened Species*. IUCN. Gland. Switzerland

Páginas na internet consultadas:

- Naturdata: <http://www.naturdata.com/>
- Arkive: <http://www.arkive.org/>
- Animal diversity Web: <http://animaldiversity.ummz.umich.edu/site/index.html>
- Encyclopedia of Life: <http://www.eol.org/>
- Sobre espécies invasoras: <http://www1.ci.uc.pt/invasoras/>

AGRADECIMENTOS

Albano Soares, Ana Silva, Carina Cunha,
César Garcia, Diana Carvalho, Eduardo
Castro, Emídio Machado, Ernestino
Maravalhas, Faísca, Fernando Romão,
Frank Pennekamp, Gonçalo Elias, Hélder
Conceição, Henrique Cabral, Humberto
Grácio, Joana Micael, Joaquim Reis,
Jorge Palmeirim, José Alberto Quartau,
José Cardoso, José Sousa, Lucília Resende,
Manuel João Pinto, Marco Caetano,
Margarida Fernandes, Maria Peixe Dias,
Patrícia Torres, Paulo Rodrigues,
Paulo Sá Sousa, Ricardo Rocha, Rita
Monarca, Rui Andrade, Rui Cunha, Sérgio
Henriques, Sofia Seabra, Tina Chaves,
Teresa Antunes, Vânia Neves, Zita Coelho.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

Página	Crédito	Página	Crédito
25	<i>Amanita caesarea</i> © José Cardoso	47	<i>Digitalis purpurea</i> © César Garcia
25	<i>Amanita muscaria</i> © José Cardoso	49	<i>Juniperus turbinata</i> © César Garcia
25	<i>Amanita phalloides</i> © José Cardoso	49	<i>Pinus pinaster</i> © César Garcia
26	<i>Astraeus hygrometricus</i> © José Cardoso	49	<i>Pinus pinea</i> © César Garcia
26	<i>Cantharellus cibarius</i> © José Cardoso	50	<i>Taxus baccata</i> © César Garcia
26	<i>Boletus edulis</i> © José Cardoso	50	<i>Laurus nobilis</i> © César Garcia
27	<i>Macrolepiota procera</i> © José Cardoso	50	<i>Sambucus nigra</i> © César Garcia
27	<i>Clathrus ruber</i> © José Cardoso	51	<i>Viburnum tinus</i> © César Garcia
29	<i>Degelia plumbea</i> © Palmira Carvalho	51	<i>Pistacia lentiscus</i> © César Garcia
29	<i>Evernia prunastri</i> © Palmira Carvalho	51	<i>Alnus glutinosa</i> © Frank Pennekamp
30	<i>Flavoparmelia caperata</i> © César Garcia	52	<i>Lonicera implexa</i> © César Garcia
30	<i>Lobaria pulmonaria</i> © Palmira Carvalho	52	<i>Cistus albidus</i> © César Garcia
31	<i>Teloschistes chrysoptalmus</i> © Palmira Carvalho	52	<i>Cistus crispus</i> © Frank Pennekamp
31	<i>Xanthoria parietina</i> © Cecília Sérgio	53	<i>Cistus ladanifer</i> © César Garcia
33	<i>Homalothecium sericeum</i> © César Garcia	53	<i>Cistus monspeliensis</i> © Frank Pennekamp
33	<i>Hypnum cupressiforme</i> © Cecília Sérgio	53	<i>Arbutus unedo</i> © Ernestino Maravalhas
33	<i>Leucodon sciuroides</i> © César Garcia	54	<i>Calluna vulgaris</i> © Ana Isabel Correia
34	<i>Orthotrichum diaphanum</i> © César Garcia	54	<i>Erica arborea</i> © César Garcia
35	<i>Frullania dilatata</i> © César Garcia	54	<i>Erica umbellata</i> © Cecília Sérgio
35	<i>Lunularia cruciata</i> © Rui Cunha	55	<i>Euphorbia characias</i> © César Garcia
37	<i>Adiantum capillus-veneris</i> © César Garcia	55	<i>Acacia melanoxylon</i> © César Garcia
38	<i>Ceterach officinarum</i> © César Garcia	56	<i>Cytisus striatus</i> © Frank Pennekamp
38	<i>Osmunda regalis</i> © César Garcia	56	<i>Pterospartum tridentatum</i> © Frank Pennekamp
39	<i>Pteridium aquilinum</i> © Frank Pennekamp; Pormenor da folha de <i>Pteridium aquilinum</i> © Ernestino Maravalhas	56	<i>Ulex densus</i> © César Garcia
41	<i>Narcissus obesus</i> © César Garcia	57	<i>Castanea sativa</i> © César Garcia; Pormenor de <i>Castanea sativa</i> © Frank Pennekamp
41	<i>Arum italicum</i> © César Garcia; Pormenor do fruto de <i>Arum italicum</i> © Ana Isabel Correia	57	<i>Quercus coccifera</i> © Frank Pennekamp
42	<i>Asphodelus ramosus</i> © César Garcia	57	<i>Quercus faginea</i> © César Garcia
42	<i>Anacamptis pyramidalis</i> © César Garcia	58	<i>Quercus pyrenaica</i> © Frank Pennekamp
43	<i>Arundo donax</i> © César Garcia	58	<i>Quercus robur</i> © Frank Pennekamp
43	<i>Briza maxima</i> © Manuel João Pinto	58	<i>Quercus rotundifolia</i> © Frank Pennekamp
44	<i>Avena barbata</i> © Manuel João Pinto	59	<i>Quercus suber</i> © César Garcia
44	<i>Bellis perennis</i> © César Garcia	59	<i>Lavandula luisieri</i> © César Garcia
45	<i>Borago officinalis</i> © César Garcia	59	<i>Rosmarinus officinalis</i> © César Garcia
45	<i>Sinapis arvensis</i> © César Garcia	60	<i>Eucalyptus globulus</i> © César Garcia
45	<i>Sedum album</i> © César Garcia	60	<i>Myrtus communis</i> © César Garcia
46	<i>Umbilicus rupestris</i> © César Garcia	60	<i>Fraxinus angustifolia</i> © César Garcia
46	<i>Oxalis pes-caprae</i> © César Garcia	61	<i>Olea europaea</i> var. <i>Europaea</i> / <i>Olea europaea</i> var. <i>sylvestris</i> © César Garcia
47	<i>Papaver rhoeas</i> © César Garcia	61	<i>Rhamnus alaternus</i> © César Garcia
47	<i>Antirrhinum majus</i> © César Garcia	61	<i>Crataegus monogyna</i> © César Garcia
		62	<i>Rubus ulmifolius</i> © Ana Isabel Correia

Página	Crédito	Página	Crédito
62	<i>Ruscus aculeatus</i> © César Garcia	80	<i>Coenonympha pamphilus</i> © Frank Pennekamp
62	<i>Populus alba</i> © César Garcia	80	<i>Maniola jurtina</i> © Paulo Rodrigues
63	<i>Populus nigra</i> © Frank Pennekamp	80	<i>Pararge aegeria</i> © Frank Pennekamp
63	<i>Smilax aspera</i> © César Garcia	81	<i>Vanessa atalanta</i> © Paulo Rodrigues
63	<i>Daphne gnidium</i> © Frank Pennekamp	81	<i>Vanessa cardui</i> © Paulo Rodrigues
65	<i>Steatoda nobilis</i> © Sérgio Henriques	81	<i>Iphiclides feisthameii</i> © Frank Pennekamp
65	<i>Argiope bruennichi</i> © Frank Pennekamp	82	<i>Papilio machaon</i> © Ernestino Maravalhas
66	<i>Araneus pallidus</i> © Vânia Neves	82	<i>Colias croceus</i> © Paulo Rodrigues
66	<i>Thomisus onustus</i> © Emídio Machado	82	<i>Pieris brassicae</i> © Patrícia Garcia Pereira
67	<i>Buthus occitanus</i> © Albano Soares	83	<i>Capnodis tenebricosa</i> © Frank Pennekamp
67	<i>Cornu aspersum</i> © Bruno Pinto	83	<i>Agapanthia cardui</i> © Frank Pennekamp
68	<i>Theba pisana</i> © Bruno Pinto	83	<i>Exosoma lusitanica</i> © Frank Pennekamp
69	<i>Ommatoiulus moreletti</i> © Bruno Pinto	84	<i>Lachnaia tristigma</i> © Frank Pennekamp
69	<i>Lumbricus terrestris</i> © Bruno Pinto	84	<i>Trichodes leucopsidius</i> © Frank Pennekamp
71	<i>Calopteryx virgo</i> © Albano Soares	84	<i>Coccinella septempunctata</i> © Frank Pennekamp
71	<i>Enallagma cyathigerum</i> © Frank Pennekamp	85	<i>Lucanus cervus macho</i> © Eduardo J. Castro
71	<i>Anax imperator</i> © Albano Soares	85	<i>Lucanus cervus fêmea</i> © Frank Pennekamp
72	<i>Cordulagaster boltonii</i> © Albano Soares	85	<i>Mylabris quadripunctata</i> © Frank Pennekamp
72	Macho de <i>Crocothemis erythraea</i> © Albano Soares; Fêmea de <i>Crocothemis erythraea</i> © Frank Pennekamp	85	<i>Heliotaurus ruficollis</i> © Frank Pennekamp
73	<i>Libellula depressa</i> © Albano Soares	86	<i>Tipula maxima</i> © Frank Pennekamp
73	<i>Orthetrum cancellatum</i> © Albano Soares	86	<i>Episyrphus balteatus</i> © Rui Andrade
74	<i>Sympetrum fonscolombii</i> © Albano Soares	86	<i>Apis mellifera</i> © Rui Andrade
74	<i>Gryllus campestris</i> © Frank Pennekamp	87	<i>Polistes gallicus</i> © Frank Pennekamp
74	<i>Tettigonia viridissima</i> © Frank Pennekamp	87	<i>Xylocopa violacea</i> © Frank Pennekamp
75	<i>Anacridium aegyptium</i> © Albano Soares	87	<i>Formica rufibarbis</i> © Rui Andrade
75	<i>Oedipoda caerulescens</i> © Frank Pennekamp	89	<i>Salamandra salamandra</i> © Albano Soares
75	<i>Mantis religiosa</i> © Eduardo J. Castro	89	<i>Triturus boscai (=Lissotriton boscai)</i> © Albano Soares
76	<i>Cicadella viridis</i> © Frank Pennekamp	90	<i>Triturus marmoratus</i> © Albano Soares
76	<i>Cicada orni</i> © José Alberto Quartau	90	<i>Hyla arborea</i> © Albano Soares
76	<i>Gerris lacustris</i> © Frank Pennekamp	91	<i>Hyla meridionalis</i> © Hélder Conceição
77	<i>Spilostethus pandurus</i> © Rui Andrade	91	<i>Rana perezi (=Pelophylax perezi)</i> © Albano Soares
77	<i>Carpocoris fuscispinus</i> © Frank Pennekamp	93	<i>Tarentola mauritanica</i> © Albano Soares
77	<i>Graphosoma lineatum</i> © Frank Pennekamp	93	<i>Lacerta lepida (=Timon lepidus)</i> © Albano Soares
78	<i>Graphosoma semipunctatum</i> © Frank Pennekamp	94	<i>Lacerta schreiberi</i> © Albano Soares
78	<i>Libelloides longicornis</i> © Frank Pennekamp	94	<i>Podarcis hispanica</i> © Marco Caetano
78	<i>Leptotes pirithous</i> © Frank Pennekamp	95	<i>Psammotromus algirus</i> © Albano Soares
79	<i>Lycaena phlaeas</i> © Frank Pennekamp	95	<i>Natrix maura</i> © Albano Soares
79	Macho de <i>Polyommatus icarus</i> © Paulo Rodrigues; Fêmea de <i>Polyommatus icarus</i> © Frank Pennekamp	97	<i>Ardea cinerea</i> © Faísca
		97	<i>Ciconia ciconia</i> © Fernando Romão

Página	Crédito	Página	Crédito
98	<i>Anas platyrhynchos</i> foto acima © Bruno Pinto; <i>Anas platyrhynchos</i> foto abaixo © Faisca	114	<i>Lutra lutra</i> © Fernando Romão; Dejecto de <i>Lutra lutra</i> © Bruno Pinto
98	<i>Buteo buteo</i> © Faisca	115	<i>Herpestes ichneumon</i> © José Sousa
99	<i>Falco tinnunculus</i> © Faisca	115	<i>Sus scrofa</i> © Faisca
99	<i>Alectoris rufa</i> © Faisca	117	<i>Armeria pungens</i> © César Garcia
99	<i>Gallinula chloropus</i> © Faisca	117	<i>Ammophila arenaria</i> © Ana Isabel Correia
100	<i>Columba livia</i> © Bruno Pinto	117	<i>Fucus vesiculosus</i> © Ana Silva
100	<i>Streptopelia decaocto</i> © Bruno Pinto	118	<i>Ulva lactuca</i> © Ana Silva
100	<i>Tyto alba</i> © Faisca	118	<i>Corallina elongata</i> © Ana Silva
101	<i>Merops apiaster</i> © Faisca	119	<i>Gelidium sesquipedale</i> © Ana Silva
101	<i>Upupa epops</i> © Faisca	119	<i>Anemonia sulcata</i> © Bruno Pinto
101	<i>Hirundo rustica</i> © Tina Chaves	120	<i>Actinia equina</i> © Bruno Pinto
102	<i>Delichon urbicum</i> © Faisca	120	<i>Marthasterias glacialis</i> © Bruno Pinto
102	<i>Motacilla alba</i> © Faisca	121	<i>Paracentrotus lividus</i> © Bruno Pinto
102	<i>Troglodytes troglodytes</i> © Faisca	121	<i>Monodonta lineata</i> © Bruno Pinto
103	<i>Saxicola torquatus</i> © Humberto Gracio	121	<i>Patella intermedia</i> (= <i>Patella depressa</i>) © Bruno Pinto
103	<i>Erithacus rubecula</i> © Faisca	122	<i>Mytilus galloprovincialis</i> © Bruno Pinto
103	<i>Luscinia megarhynchos</i> © Humberto Gracio	122	<i>Octopus vulgaris</i> © Bruno Pinto
104	<i>Turdus merula</i> © Faisca	122	<i>Chthamalus montagui</i> © Bruno Pinto
104	<i>Sylvia atricapilla</i> © Faisca	123	<i>Palaemon serratus</i> © Bruno Pinto
104	<i>Parus caeruleus</i> © Faisca	123	<i>Pachygrapsus marmoratus</i> © Ana Silva
105	<i>Parus major</i> © Faisca	123	<i>Gobius paganellus</i> © Bruno Pinto
105	<i>Certhia brachydactyla</i> © Faisca		
105	<i>Garrulus glandarius</i> © José Sousa		
106	<i>Sturnus unicolor</i> © Faisca		
106	<i>Passer domesticus</i> © Faisca		
106	<i>Fringilla coelebs</i> © Faisca		
107	<i>Serinus serinus</i> © Faisca		
107	<i>Carduelis chloris</i> © Faisca		
107	<i>Carduelis carduelis</i> © Faisca		
108	<i>Phalacrocorax carbo</i> © Faisca		
108	<i>Arenaria interpres</i> © Bruno Pinto		
108	<i>Calidris alba</i> © Faisca		
109	<i>Larus fuscus</i> © Faisca		
109	<i>Larus michahellis</i> © José Sousa		
111	<i>Erinaceus europaeus</i> © Faisca		
112	<i>Pipistrellus pipistrellus</i> © Jorge Palmeirim		
112	<i>Oryctolagus cuniculus</i> © Faisca		
113	<i>Apodemus sylvaticus</i> © Rita Monarca		
113	<i>Mus spretus</i> © Faisca		
114	<i>Vulpes vulpes</i> © Fernando Romão		

INDÍCE REMISSIVO DE ESPÉCIES

(nome científico e nome comum)

- Abelha-comum 86
 Abelhão-azul 87
 Abelharuco 101
 Abesós 25
 Abrótea 42
Acacia melanoxylon 55
 Acácia-austrália 55
 Acobreada 79
Actinia equina 120
 Aderno-bastardo 61
Adiantum capillus-veneris 37
Agapanthia cardui 83
 Águia-de-asa-redonda 98
 Alecrim 59
Alectoris rufa 99
 Alegria-campo 63
 Alfaca-do-mar 118
 Alfaiate 76
 Almirante-vermelho 81
Alnus glutinosa 51
 Alvéola-branca 102
Amanita caesarea 25
Amanita muscaria 25
Amanita phalloides 25
 Amieiro 51
Ammophila arenaria 117
Anacamptis pyramidalis 42
Anacridium aegyptium 75
Anas platyrhynchos 98
 Anax-imperador 71
Anax imperator 71
 Andorinha-das-chaminés 101
 Andorinha-dos-beirais 102
 Anémoma-do-mar 119
Anemonia sulcata 119
Antirrhinum majus 47
Apis mellifera 86
Apodemus sylvaticus 113
Araneus pallidus 66
 Aranha-de-cruz-pálida 66
 Aranha-floricola-de-tubérculos 66
 Aranha-vespa 65
Arbutus unedo 53
Ardea cinerea 97
Arenaria interpres 108
Argiope bruennichi 65
Armadillidium vulgare 68
Armeria pungens 117
 Aroeira 51
 Arroz-dos-telhados 45
Arum italicum 41
Arundo donax 43
Asphodelus ramosus 42
Astraeus hygrometricus 26
 Aveia-Barbada 44
Avena barbata 44
 Avenca 37
 Azinheira 58
 Azul-comum 79
 Balanço 44
 Bela-Dama 81
Bellis perennis 44
 Bicho-de-conta 68
 Bocas-de-lobo 47
 Bodelha 117
 Bole-bole 43
Boletus edulis 26
Borago officinalis 45
 Borboleta-da-couve 82
 Borboleta-Zebra 81
 Borragem 45
Briza maxima 43
Buteo buteo 98
Buthus occitanus 67
 Caboz 123
 Cabra-loura 85
Calidris alba 108
Calluna vulgaris 54
 Calotérix-irgem 71
Calopteryx virgo 71
 Camarão-branco-legítimo 123
 Camarão-comum 123
 Campainhas-amarelas 41
 Cana 43
 Canário 26
Cantharellus cibarius 26
Capnodis tenebricosa 83
 Caracoleta 67
 Caracol-das-ervejarias 68
 Caracol-pequeno 68
 Caramujo 121
 Caranguejo 123
Carduelis carduelis 107
Carduelis chloris 107
Carpocoris fuscispinus 77
 Carqueja 56
 Carrasco 57
 Carriça 102
 Cartaxo-comum 103
 Carvalho-alvarinho 58
 Carvalho-cerquinho 57
 Carvalho-negral 58
Castanea sativa 57
 Castanheiro 57
 Cauda-de-Andorinha 82
 Cegonha-branca 97
Certhia brachydactyla 105
Ceterach officinarum 38
 Chapim-azul 104
 Chapim-real 105
 Choupo-branco 62
 Choupo-negro 63
Chthamalus montagui 122
Cicada orni 76
Cicadella viridis 76
Ciconia ciconia 97
 Cicuta-verde 25
 Cigarra-comum 76
 Cigarrinha-verde 76
 Cinzentinha 78
Cistus albidus 52
Cistus crispus 52
Cistus ladanifer 53
Cistus monspeliensis 53
Clathrus ruber 27
 Clatro-vermelho 27
 Cobra-de-água-viperina 95
Coccinella septempunctata 84
 Coelho-bravo 112
Coenonympha pamphilus 80
Colias croceus 82
Columba livia 100
 Coralina-carenada 118
Corallina elongata 118
Cordelugaster boltonii 72
Cornu aspersum 67
 Coruja-das-torres 100
 Corvo-marinho 108
 Craca 122
Crataegus monogyna 61
 Cravo-das-areias 117
Crocothemis erythraea 72
Cytisus striatus 56
Daphne gnidium 63
 Dedaleira 47
 Degelia 29
Degelia plumbea 29
Delichon urbicum 102
Digitalis purpurea 47
 Douradinha 38
Enallagma cyathigerum 71
Episyphus balteatus 86
Erica arborea 54
Erica umbellata 54
Erinaceus europaeus 111
Erithacus rubecula 103

- Escaravelho-das-flores 83
 Escaravelho-do-pescoço-vermelho 85
 Escaravelho-dos-3-pontos 84
 Escaravelho-jóia-das-azedas 83
 Escaravelho-soldado 84
 Esteva 53
 Estorninho-preto 106
 Estorno 117
 Estrela-da-terra 26
 Estrela-do-mar-de-espinhos 120
 Eucalipto 60
Eucalyptus globulus 60
Euphorbia characias 55
Evernia prunastri 29
 Evernia 29
Exosoma lusitanica 83
Falco tinnunculus 99
 Falsa-viúva-vermelha 65
 Frade 27
 Feto-comum 39
 Feto-real 38
Flavoparmelia caperata 30
 Folhado 51
Formica rufibarbis 87
 Formiga-das-mandíbulas-vermelhas 87
 Frades-de-sapo 25
Fraxinus angustifolia 60
 Freixo-comum 60
Fringilla coelebs 106
Frullania dilatata 35
Fucus vesiculosus 117
 Gafanhoto-de-asas-azuis 75
 Gafanhoto-do-Egipto 75
 Gafanhoto-verde-maior 74
 Gaio 105
 Gaivota-de-asa-escura 109
 Gaivota-de-patas-amarelas 109
 Galinha-d'água 99
Gallinula chloropus 99
 Garça-real 97
Garrulus glandarius 105
Gelidium sesquipedale 119
Gerris lacustris 76
 Giesta – amarela 56
 Giesteira-das-serras 56
 Gilbardeira 62
Gobius paganellus 123
Graphosoma lineatum 77
Graphosoma semipunctatum 78
 Grilo-do-campo 74
Gryllus campestris 74
Heliotaurus ruficollis 85
 Hepática-das-canecas 35
 Hepática-de-orelhas 35
Herpestes ichneumon 115
Hirundo rustica 101
Homalothecium sericeum 33
Hyla arborea 90
Hyla meridionalis 91
Hypnum cupressiforme 33
 Imperador-azul 71
Iphiclides feisthameii 81
 Jarro 41
 Javalí 115
 Joanelha-dos-7-pontos 84
Juniperus turbinata 49
Lacerta lepida 93
Lacerta schreiberi 94
Lachnaia tristigma 84
 Lacrau 67
 Lagartixa-do-mato 95
 Lagartixa-ibérica 94
 Lagarto-de-água 94
 Lapa 121
 Laranjinha 25
Larus fuscus 109
Larus michahellis 109
Laurus nobilis 50
Lavandula luisieri 59
Leptotes pirithous 78
Leucodon sciuroides 33
 Libelinha-azul-comum 71
Libelloides longicornis 78
Libellula depressa 73
 Libelóide-comum 78
 Libélula-achatada 73
 Libélula-anelada 72
Libellula depressa 73
 Libélula-escarlata 72
 Limo-da-seda 119
 Lique-ne-dos-telhados 31
Lissotriton boscai 89
 Loba 80
Lobaria pulmonaria 30
 Longuicornio-dos-cardos 83
Lonicera implexa 52
 Lontra 114
 Loureiro 50
 Louva-a-deus-comum 75
Lucanus cervus 85
Lumbricus terrestris 69
 Lunularia 35
Lunularia cruciata 35
Luscinia megarhynchos 103
Lutra lutra 114
Lycaena phlaeas 79
Macrolepiota procera 27
 Madressilva 52
 Maleiteira-maior 55
 Malhadinha 80
Maniola jurtina 80
Mantis religiosa 75
 Maravilha 82
 Margarida 44
 Maria-café 69
Marthasterias glacialis 120
 Mata-bois 25
 Medronheiro 53
 Melro-preto 104
Merops apiaster 101
 Mexilhão 122
 Milabris-dos-4-pontos 85
 Milheirinha 107
 Minhoca 69
 Míscao 26
Monodonta lineata 121
 Morango-do-mar 120
 Morcego-anão 112
 Mosca-das-flores-comum 86
 Mosquito-tira-olhos 86
 Mostarda-dos-campos 45
Motacilla alba 102
 Murta 60
Mus spretus 113
 Musgo-capuz-de-pontas-brancas 34
 Musgo-rabo-de-gato 33
 Musgo-sedoso-penado 33
 Musgo-trançado-comum 33
Mylabris quadripunctata 85
Myrtus communis 60
Mytilus galloprovincialis 122
Narcissus obesus 41
Natrix maura 95
 Nêspora 80
Octopus vulgaris 122
Oedipoda caerulea 75
Olea europaea var. *Europaea* 81
Olea europaea var. *sylvestris* 61
 Oliveira 61
Ommatoiulus moreletti 69
Orthetrum cancellatum 73
Ortitrum reticulado 73
Orthotrichum diaphanum 34
Oryctolagus cuniculus 112
 Orzella-do-reino 29
 Osga-comum 93

- Osmunda regalis* 38
 Ouriço-cacheiro 111
 Ouriço-do-mar 121
Oxalis pes-caprae 46
Pachygrapsus marmoratus 123
Palaemon serratus 123
Papaver rhoeas 47
Papilio machaon 82
 Papoila-das-searas 47
Paracentrotus lividus 121
Pararge aegeria 80
 Pardal 106
 Parmelia-verde 30
Parus caeruleus 104
Parus major 105
Passer domesticus 106
Patella depressa 121
Patella intermedia 121
 Pato-real 98
Pelophylax perezii 91
 Peneireiro 99
 Percevejo-das-riscas 77
 Percevejo-do-solo-comum 77
 Percevejo-dos-ombros-comum 77
 Percevejo-ponto-e-riscas 78
 Perdiz-comum 99
Phalacrocorax carbo 108
Pieris brassicae 82
 Pilriteiro 61
 Pilrito-das-praias 108
 Pinheiro-bravo 49
 Pinheiro-manso 49
 Pintassilgo 107
Pinus pinaster 49
Pinus pinea 49
Pipistrellus pipistrellus 112
 Pisco-de-peito-ruivo 103
Pistacia lentiscus 51
Podarcis hispanica 94
Polistes gallicus 87
 Polvo vulgar 122
Polyommatus icarus 79
 Pombo-das-rochas 100
Populus alba 62
Populus nigra 63
 Poupa 101
Psammotromus algirus 95
Pteridium aquilinum 39
Pterospartum tridentatum 56
 Púcara 27
 Pulmão dos carvalhos 30
 Pulmonária 30
 Queiró 54
Quercus coccifera 57
Quercus faginea 57
Quercus pyrenaica 58
Quercus robur 58
Quercus rotundifolia 58
Quercus suber 59
Rana perezii 91
 Rapazinhos 26
 Raposa 114
 Ratinho-do-campo 113
 Ratinho-ruivo 113
 Rã-verde 91
 Rela 90
 Rela-meridional 91
Rhamnus alaternus 61
 Rola-do-mar 108
 Rola-turca 100
 Rosalgar 25
 Roselha 52
 Roselha-grande 52
 Rosmaninho 59
Rosmarinus officinalis 59
 Rouxinol-comum 103
Rubus ulmifolius 62
Ruscus aculeatus 62
 Sabina-das-praias 49
 Sabugueiro 50
 Sacarrabos 115
Salamandra salamandra 89
 Salamandra-de-pintas-amarelas 89
Sambucus nigra 50
 Sardão 93
 Sargaço 53
 Satirião-menor 42
Saxicola torquata 103
Sedum album 45
Serinus serinus 107
 Silva 62
 Simpétrum-de-nervuras-vermelhas 74
Sinapis arvensis 45
Smilax aspera 63
 Sobreiro 59
 Sol-das-árvores 31
Spilostethus pandurus 77
Steatoda nobilis 65
Streptopelia decaocto 100
Sturnus unicolor 106
Sus scrofa 115
Sylvia atricapilla 104
Sympetrum fonscolombii 74
Talpa occidentalis 111
Tarentola mauritanica 93
Taxus baccata 50
 Teixo 50
Teloschistes chrysopthalmus 31
 Tentilhão 106
Tettigonia viridissima 74
Theba pisana 68
Thomisus onustus 66
Timon lepidus 93
Tipula maxima 86
 Tojo-gatunho 56
 Torga 54
 Tortulho 26
 Toupeira 111
 Toutinegra-de-barrete 104
 Trepadeira 105
 Trevo-azedo 46
Trichodes leucopsideus 84
 Tritão-de-ventre-laranja 89
 Tritão-marmorado 90
Triturus boscai 89
Triturus marmoratus 90
Troglodytes troglodytes 102
 Trovisco 63
Turdus merula 104
Tyto alba 100
Ulex densus 56
Ulva lactuca 118
 Umbigo-de-vénus 46
Umbilicus rupestris 46
Upupa epops 101
 Urze-branca 54
Vanessa atalanta 81
Vanessa cardui 81
 Verdilhão 107
 Vespa-do-papel 87
Viburnum tinus 51
Vulpes vulpes 114
Xanthoria parietina 31
Xylocopa violacea 87
 Zambujeiro 61

